

Fernando Brissos

Dialectos portugueses do Centro-Sul: *corpus* de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade*

Abstract: The traditional view on Portuguese central-southern dialects (CS) considers the existence of two idiosyncratic areas in the central-interior and southwestern parts of the country which break CS' general homogeneity. Brissos (2014) however, presents acoustic data from which can be seen that several linguistic phenomena, usually circumscribed to those two areas, indeed exist in other distant and scattered locales not encompassed in the standard area split. Additionally, Brissos/Saramago (2014) present auditory data which corroborate Brissos' (2014) fundamental conclusions. These facts suggest a revision of the traditional overview of CS and demand further testing: an analysis of all remaining dialectal features of CS (and not only some specific phenomena) must be conducted. This paper thus presents an extensive corpus of the dialectal features existing in CS (comprising the same area analyzed by Brissos 2014) and carries on that analysis. A new overview of those dialects is proposed.

Keywords: Portuguese central-southern dialects, *Corpus* of Portuguese central-southern dialectal features, linguistic homogeneity of central-southern Portugal

Dialectos portugueses do Centro-Sul, *Corpus* dos traços dialectais do Centro-Sul português, homogeneidade linguística do Centro-Sul de Portugal

Dr. Fernando Brissos: Universidade de Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), Alameda da Universidade, P-1600-214 Lisboa, E-Mail: fernandobrissos@campus.ul.pt

* O autor deseja agradecer publicamente a João Saramago a revisão disponível e minuciosa do manuscrito e a ajuda fundamental que deu com a parte dialectométrica do trabalho. Agradece também a Gabriela Vitorino a ajuda sempre disponível com o uso do grande conjunto de materiais do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza que foi necessário para este estudo.

1 Introdução¹

Brissos (2014) apresenta dados acústicos relativos ao Centro-Sul português que apontam para uma maior unidade dialectal dessa área do que a tradicionalmente considerada pelas propostas de classificação dialectal.² Analisando treze pontos de inquérito do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)³ (cf. Anexo, I. Mapas, mapa 2), Brissos regista vários dos fenómenos que são utilizados por aquelas propostas para caracterizar as regiões subdialectais destacadas do Centro-Interior (CI) e do Sudoeste (SW) — na terminologia de Cintra, as variedades dialectais idiossincráticas «da Beira Baixa e Alto Alentejo» e «do Barlavento do Algarve» — bem fora das áreas tradicionalmente definidas para essas regiões e, bem assim, para os traços respectivos. Aqui, devem ter-se presentes os seguintes pontos:

- a) Essas regiões subdialectais são, como se pode ver no mapa 1, duas das únicas três «regiões subdialectais com características peculiares bem diferenciadas» definidas por Cintra em todos os dialectos portugueses continentais; e são, igualmente, as regiões que quebram a unidade dialectal da área estudada por Brissos (2014), onde é incluída a região do português padrão actual.⁴
- b) Os traços caracterizadores das três variedades referidas pertencem todos ao vocalismo tónico; CI destaca-se pelas vogais mistas — que dão origem a um

1 A notação fonética utilizada neste trabalho segue o sistema do IPA – International Phonetic Alphabet (versão revista de 2005), com excepção da representação das semivogais do português, em que seguimos a notação tradicional portuguesa: [j] = semivogal alta anterior, como em [p'aj] ‘pai’, e [w] = semivogal alta posterior, como em [p'aw] = ‘pau’.

2 Inserir-nos-emos aqui no quadro da *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses* de Lindley Cintra (1983b), utilizada de forma praticamente unânime desde a sua publicação. Cf. Brissos (2012, 15, n. 13) e Brissos/Saramago (2014, §2.º) para argumentos a favor dessa escolha. O mapa da proposta de Cintra é reproduzido adiante como mapa 1 (Anexo, I. Mapas).

3 Veja-se mais sobre o ALEPG em: o seu website (cf. Referências); o vol. I do questionário respectivo (cf. Referências); Saramago (2006); Gottschalk (1977).

4 No que respeita à definição de português padrão actual, seguiremos a formulação de Brissos (2012, 12): «Afastamo-nos da tradição na definição de *norma linguística portuguesa actual*, ou seja, do que é o *português padrão contemporâneo*. Norma actual não corresponderá neste trabalho à(s) variedade(s) falada(s) pelas classes cultas de entre Lisboa e Coimbra, mas sim à(s) variedade(s) falada(s) e difundida(s) nos *media* ou outros trabalhos culturais de referência pelas classes cultas da própria Lisboa (e, bem assim, da sua área metropolitana); norma que depois tem na escola (e na escolarização) um importante meio de expansão, embora nem sempre aproveitado da mesma forma. É essa uma definição que corresponde ao crescente centralismo na capital que o país sofre e à crescente importância dos produtos culturais aí filiados (com algum destaque para a televisão) como meio de standardização etnográfica».

sistema do tipo de /i e ɣ ε a ɔ o ə u/, claramente diferente do português padrão /i e ε a ɔ o u/ —, SW por um deslocamento em cadeia — com um sistema do tipo de /ĩ e ε æ ɔ ɔ̃ o u/ — e o Noroeste pelas ditongações. Cf. Cintra (1983b); Segura (2013); Brissos (2014); Brissos/Saramago (2014) e, a respeito do português padrão, Mateus/Andrade (2000).

Os principais resultados de Brissos estão sistematizados adiante nos mapas 3 e 4; para os valores Hertz por trás desses resultados e a sua discriminação em cartas de formantes, cf. Brissos (2014). Aqui, interessa-nos sobretudo constatar, de acordo com esse estudo, que quase todos os traços que são utilizados para caracterizar as regiões subdialectais do Centro-Interior e do Sudoeste portugueses são registados em áreas bem afastadas dessas duas; toda a dispersão de fenómenos que vemos nos mapas 3 e 4 diz respeito a esse facto, isto é, traços tidos como característicos do Sudoeste ou do Centro-Interior aparecem um pouco por todo o Centro-Sul.

Brissos/Saramago (2014) analisam exaustivamente os dados da literatura (que se baseiam, de modo praticamente exclusivo, em informação perceptiva / impressionista) a respeito da mesma área estudada por Brissos (2014) e reforçam a tese fundamental deste trabalho; cf. os vários mapas apresentados pelos AA. e o seu quadro 1. Confirmam também dois factos que Brissos (2014, §1.9) tinha referido com base numa análise não exaustiva da literatura: (i) CI e SW são mais parecidos entre si do que ressalta da classificação de Cintra, pois vários dos traços tidos como típicos de SW foram já verificados em locais da área de CI (cf. Brissos/Saramago 2014, mapa 11) e, embora em menor grau, também traços típicos de CI foram verificados em SW (ib., mapa 10); (ii) se descermos do nível dos estudos de panorama dos dialectos portugueses (as propostas de classificação dialectal) até ao dos estudos de caso (os estudos que se ocupam da descrição de falares / localidades específicos), também encontramos todos ou quase todos os traços típicos de CI ou SW registados em áreas bem afastadas daquelas duas.

Os dados perceptivos concordam, portanto, com os dados acústicos ao sugerir uma superior unidade do Centro-Sul português que explica certos factos dialectais dessa região tradicionalmente tidos como idiossincráticos. Como Brissos/Saramago (2014) referem, é ainda necessário, porém, realizar um último teste àquela tese: a análise de todos os restantes fenómenos linguísticos dos dialectos, subdialectos e falares da mesma região que possam ter interesse dialectal. Daí resultará uma perspectiva holística que proporcionará uma eficaz visão de síntese que permita rever de forma eficaz o raciocínio por trás da tese, confirmando-o ou infirmo-o:

«As informações perceptivas dos estudos de caso vão assim [...] exactamente ao encontro dos dados acústicos de Brissos (2014), que refere que «One can say that the geographic gap between CI and SW is like a bridge, and in several features the detached vocalic systems of

those areas appear to belong to superior central-southern Portuguese tendencies. That is, those vocalic systems seem to be dependent on general or broader linguistic processes» (Brissos 2014, [§4.º]). [...] numa perspectiva geral, ou seja, tomando os sistemas vocálicos do Centro-Sul no conjunto e não apenas em um traço específico, os vocalismos destacados — ninguém lhes retira o seu destaque, que é evidente — do Centro-Interior e do Sudoeste apresentam-se como exponenciações de uma superior unidade dialectal do Centro-Sul, e não como factos isolados do conjunto. Parece portanto que devemos rever a imagem que os estudos de classificação dialectal nos têm deixado do Centro-Sul. Essa tese é, naturalmente, da maior importância para a explicação da origem daqueles vocalismos e dos dialectos do Centro-Sul — onde se inclui o português padrão — em geral. E é valorizada por ser construída a partir de dados obtidos com duas metodologias totalmente diferentes: a perceptiva e a acústica. Mas tem de sofrer o teste final: se já temos dados acústicos (Brissos 2014) e uma análise exaustiva da bibliografia (o presente trabalho) que fazem propor essa explicação, falta-nos, ainda, analisar o todo dos sistemas linguísticos do Centro-Sul; quer dizer, falta-nos analisar os dialectos / falares dessa área em todos os fenómenos gramaticais que não os que estiveram em análise em Brissos (2014) e neste trabalho (os fenómenos respeitantes ao vocalismo tónico, ou seja, os fenómenos destacados pela tradição dos estudos de conjunto dos dialectos portugueses). A perspectiva holística resultante deverá permitir-nos dar, se não a perspectiva final da paisagem e da genética dialectais do Centro-Sul, pelo menos a resposta final àquela tese» (Brissos/Saramago 2014, §4.º).

O presente artigo visa dar a conclusão à tese referida. Estabeleceremos como hipótese de trabalho a seguinte proposição: as variedades dialectais CI e SW não são factos dialectais isolados do restante conjunto centro-sulista do país, mas sim exponenciações de tendências superiores do Centro-Sul. Não serão portanto «regiões subdialectais com características peculiares bem diferenciadas», mas sim regiões extremas de processos mais ou menos gerais.

Essa hipótese muda a visão que temos tido da paisagem dialectal do Centro-Sul de Portugal; com efeito, CI e SW têm sido normalmente encarados, pelos estudos de conjunto dos dialectos portugueses, como factos isolados do restante conjunto dialectal centro-sulista (possam ou não estar relacionadas entre si; refiro-me neste caso, sobretudo, à hipótese de Cintra que explicava a origem de CI a partir de superstrato medieval francês das ordens militares que concretizaram a Reconquista Cristã da zona, sendo SW o resultado ulterior de colonos oriundos da área de CI — darei referências a seguir). E é a partir desse princípio que as hipóteses explicativas da origem das duas variedades têm sido formuladas; veja-se a esse respeito Brissos (2012, 24s. e 493–499), ou o inventário de hipóteses, centradas na questão da origem do *u* palatal mas com derivações para o resto dos sistemas linguísticos respectivos, feito por Segura (1987, 263ss.).⁵

5 Essas hipóteses dividem-se em dois grupos principais: (i) as hipóteses que remetem a origem para factores externos ao sistema, nomeadamente substrato céltico (com defensores como Ascoli,

A hipótese proposta necessita, contudo, de um teste decisivo: a análise de todo o(s) restante(s) sistema(s) gramatical(is) dos dialectos do Centro-Sul. É esse teste que passamos a fazer.

2 Abordagem maximamente abrangente aos dialectos do Centro-Sul português

2.1 Método

2.1.1 Sistematizam-se aqui os resultados da análise perceptiva aos fenómenos dialectais destacados verificáveis nos treze pontos de inquérito compreendidos no estudo acústico de Brissos 2014 (mapa 2) que não dizem respeito ao timbre das vogais tónicas (o alvo do estudo acústico referido). A origem dos dados é, como foi dito, o ALEPG; são portanto utilizados informantes conservadores, sobretudo adultos e idosos, em regime de fala controlada (resposta ao questionário do ALEPG), semi-livre (resposta desenvolvida, com explicações, ao questionário do ALEPG) e livre. No presente estudo foram compreendidos todos os informantes dos inquéritos, ao contrário do estudo acústico de Brissos (2014), em que foi utilizado um informante masculino por ponto de inquérito. Os inquéritos foram realizados entre 1973 e 1995 e estão registados sob a forma de gravações e transcrição fonética e ortográfica das respostas ao questionário, feita a partir das gravações. Ouvi e analisei perceptivamente os inquéritos na sua totalidade e, complementarmente, procedi à pesquisa metódica de segmentos fonéticos nas transcrições.

São tratados neste trabalho os fenómenos mais importantes de acordo com a tradição dialectológica portuguesa, tal como, naturalmente, em correspondência com a análise individual do investigador. Incluem-se tanto fenómenos fonéticos como morfo-sintácticos, mas excluem-se: (i) tal como já foi mencionado, os factos respeitantes ao(s) timbre(s) (à qualidade fonética) das vogais tónicas; (ii) o léxico (área gramatical ou para-gramatical que, pela sua dependência extra-linguística — a *coisa* que a forma linguística nomeia, cuja existência está eminentemente associada a factores externos à língua —, necessita de um tratamento específico);

Menéndez Pidal, Schuchardt, Wartburg, Dámaso Alonso) ou superstrato francês das ordens militares que estiveram presentes na Reconquista Cristã (hipótese de Cintra: cf., para além de Segura 1987; Cintra 1983a, 53s.; e Segura 2013, 103s.); (ii) as hipóteses que explicam os fenómenos com base exclusiva em processos internos ao sistema («economia interna do sistema linguístico»; é a linha de pensamento de, p. ex., Haudricourt/Juillard 1949, 11s. e 100–113 [apud Segura 1987]).

(iii) um par de fenómenos que exigiriam tratamento sintáctico desenvolvido, com recurso a *corpora* específicos: a existência de duplos participios passados (como «corto» ~ «cortado», «justo» ~ «ajustado») e a interpolação de constituinte morfológico entre clítico pré-verbal e o verbo de que este depende (e.g. «no dia em que me eu casei», «ainda o agora lá vi»); uma visão geral de ambos no sistema dialectal português encontra-se em Segura (2013). Quer um quer outro não parecem ser, a partir da análise perceptiva levada a cabo, fenómenos de primeira ordem para a delimitação de subáreas dialectais do Centro-Sul.

Factos gerais da região que a tradição dialectológica portuguesa já descreveu e delimitou geograficamente, como por exemplo as monotongações de *ei* e *ou* ou a manutenção da distinção /b~/v/ (vejam-se, sobretudo, Vasconcelos 1970; Cintra 1983b; Cunha/Cintra 1984; Segura 2013), não serão tratados. Procuram-se, portanto, fenómenos que permitam identificar subáreas do Centro-Sul, e não fenómenos que o caracterizem no seu todo; isto é, não se procuram fenómenos gerais da região que já se encontrem estabelecidos como tal e para os quais os nossos dados não apresentem informação nova (que seria a detecção de subáreas no Centro-Sul).⁶

A abordagem é de base perceptiva, e por isso impressionista — ou, se se quiser, insere-se no paradigma metodológico da dialectologia tradicional. É o tipo de confronto que mais se aproxima da perspectiva do utilizador comum da

6 Tem de ficar ressalvado, no entanto, que mesmo fenómenos como os referidos podem, num segundo plano de análise, apresentar informação relevante. Dou dois exemplos que são, sem dúvida, os principais. 1) Todo o Centro-Sul é área de distinção entre /b/ e /v/, mas isso não quer dizer, necessariamente, que todo o Centro-Sul tenha os mesmos índices de frequência na mesma distinção (ou seja, poderá existir variação significativa entre áreas nos graus de *confusão* entre *b* e *v*, utilizando a designação tradicional); um aprofundamento da questão exige, contudo, um estudo exaustivo de *corpora*, com índices de frequência de milhares de ocorrências e extração de dúvidas etimológicas (a confusão entre *b* e *v* tem, com se sabe, uma dimensão românica apreciável; pode citar-se, desde logo, o caso do castelhano, língua vizinha do português, que não tem a oposição /b~/v/). — 2) Todo o Centro-Sul é área de convergência da antiga consoante /tʃ/ em /ʃ/, que também existe desde o início da língua (i.e. a antiga oposição entre /tʃ/ e /ʃ/ desapareceu, restando apenas /ʃ/; ver sobre o traço, para além das referências já citadas de Vasconcelos 1970; Cintra 1983b; Cunha/Cintra 1984 e Segura 2013, ainda Teyssier 2001, 53s.; Pinto 1981; Prista 1994 e Castro 2006, 198s.), mas isso não quer dizer que não se possam encontrar vestígios da articulação africada em algumas palavras. Numa perspectiva comparativa como a que seguimos aqui, em que determinamos a existência ou não de um fenómeno em dado ponto de inquérito, é contudo necessário resolver vários casos de dúvida, o que só se torna possível mediante estudo acústico específico. — Quer o primeiro exemplo quer o segundo necessitam, portanto, de estudos dedicados de base extra-perceptiva; e nenhum contribui para a identificação macro do Centro-Sul (tal como, de resto, concordam com o português padrão, que também distingue /b/ de /v/ e não conhece, pelo menos desde o séc. XVIII, /tʃ/).

linguagem, isto é, faz uso de um tipo de percepção da linguagem — impressionista — que é fundamentalmente o mesmo que o falante normal de uma dada variedade dialectal tem da sua linguagem e das outras com que contacta. A diferença, claro está, reside no facto de ser um linguista a estudar variedades dialectais, e por isso não ser um falante *naïf*; mas é um linguista munido das mesmas ferramentas essenciais que um falante normal: audição, percepção, raciocínio — sem medidas especiais de análise do som.

É também o tipo de análise que mais facilmente permite a indexação de um número significativo de traços linguísticos a um dado número de pontos de inquérito — é aliás, por isso, o tipo de análise por excelência da dialectologia.

A análise parte da constatação, devida à utilização continuada dos inquéritos do ALEPG, de que as amostras utilizadas são representativas, ou seja, que os inquéritos utilizados têm um volume de dados suficiente para permitir uma caracterização apurada dos principais aspectos linguísticos dos falares respectivos. Praticamente todos os inquéritos têm vários informantes, e nenhum tem menos de oito horas de gravação, sempre com elevada percentagem de tempo de fala em regime livre (a maior parte dos inquéritos tem, mesmo, bem mais do que oito horas de gravação: a média dos treze inquéritos utilizados é de 883 minutos, ou seja, quase 15 horas).

Igualmente, pelo facto de os inquiridores serem também dialectólogos, os principais aspectos linguísticos de cada localidade raramente ficaram sem ser abordados no decurso do inquérito, estivessem ou não esses aspectos compreendidos directamente no questionário. No final do estudo de cada inquérito, é clara a conclusão de que se teve acesso à linguagem mais representativa do ponto em causa.

2.1.2 O inventário e a classificação dos traços linguísticos, sistematizados em lista numerada em 2.2 a seguir, têm como objectivo não apenas serem utilizados para esclarecer as questões que nos ocupam neste estudo mas também fornecer base para estudos comparativos futuros, sabendo que as abordagens *holísticas* ou maximamente abrangentes aos sistemas linguísticos de áreas dialectais têm insuficiente tradição dialectológica. Por abordagem holística ou maximamente abrangente quero referir uma abordagem que não se foque em particularidades gramaticais pré-determinadas (tipo de abordagem também, naturalmente, fundamental), mas tenha como objectivo abranger o maior número de fenómenos linguísticos. Esse tipo de abordagem, se for seguido consistentemente, poderá revelar-se importante para realizar classificações dialectais e linguísticas (p. ex. definir o que são e não são dialectos da mesma língua), ultrapassando assim dilemas gerais e fragmentários com que a linguística diatópica e diafásica se tem debatido (desde logo questões de política linguística: se temos formas eficientes

de identificar dialectos e línguas diferentes, mais fácil se torna a abordagem legislativa a problemas de contacto linguístico como línguas minoritárias, línguas que utilizam a norma ortográfica de outra, etc.).

A resposta a questões como *é x dialecto da língua y ou outra língua efectiva?*, se necessita, como é evidente, do contributo de análises que partem de factores extra-linguísticos — como o facto de o dialecto x ser ou não falado no mesmo país que o dialecto y, ou estar ou não sujeito à mesma norma linguística —, precisa também de respostas exclusivamente linguísticas. Isso só é possível fazer se, mais do que nos focarmos nos fenómenos mais salientes e vincados, tomarmos também em consideração todos os outros.

No caso que nos ocupa no presente estudo, a análise que faremos permite não só evitar a restrição tradicional da análise apenas fonética dos dialectos como, mais do que isso, proporcionar a visão de síntese necessária para o teste da hipótese referida na Introdução. Só ao termos uma descrição exaustiva dos falares do Centro-Sul teremos a possibilidade de testar aquela hipótese.

2.1.3 De modo a obter-se uma perspectiva o mais clara possível da dimensão dos fenómenos na área estudada, eles serão classificados em três graus, que se segmentam em dois grupos fundamentais: 1, grau 0 = não verificação da existência do fenómeno no ponto de inquérito respectivo; 2.1, grau 1 = fenómeno verificado, com nível de ocorrência pouco a moderadamente intensa; 2.2, grau 2 = fenómeno verificado, com nível de ocorrência frequente a regular.

Essa classificação é pormenorizada pela seguinte informação adicional:

- a) Quando existe um contraste claro entre um e o resto dos informantes de um determinado inquérito — concretamente, apenas em um informante se registou determinado fenómeno como frequente a regular (grau 2) e nos outros os dados são claros no sentido contrário —, o respectivo inquérito é incluído no grau 1 mas fica sublinhado na lista dos fenómenos (2.2); o objectivo é o de esses inquéritos não serem confundidos com aqueles em que o fenómeno em causa não passa, em nenhum informante, de pouco a moderadamente corrente.
- b) Há apenas um inquérito com um único informante: Carrapatelo. Esse facto não será notado com procedimento específico.
- c) Na maior parte dos fenómenos, a classificação num dos graus referidos é relativamente fácil, mas existem alguns que colocam dificuldades específicas, devido a dois factos: (i) serem especialmente marcados (como por exemplo a realização palatalizada de *a* tónico, e.g. em [bur'eku] 'buraco', [kwelid'edi] 'qualidade'); ou (ii) poderem ter uma realização demasiado espaçada na produção verbal para permitirem uma análise imediata da sua

dimensão no falar respectivo (como p. ex. a conservação de N intervocálico latino antes do sufixo *-ito*, e.g. *panito* ‘pãozinho’, *manita* ‘mãozinha’, que é facilmente analisável em discurso fluído, como o discurso narrativo, mas apenas em discurso fluído; em discurso de pergunta-resposta ao questionário do inquérito a sua análise torna-se difícil).

Em casos desse tipo, utilizei o seguinte algoritmo: 1, incluem-se no grau 0 os fenómenos para que foram registados 0 a 1 casos relevantes; 2.1, incluem-se no grau 1 os fenómenos para que foram registados 2 a 5 casos relevantes; 2.2, incluem-se no grau 2 os fenómenos para que foram registados 6 ou mais casos relevantes. A informação referida atrás a respeito da existência do fenómeno em um ou mais informantes (quer haja ou não mais de um informante num ponto de inquérito) mantém-se: os inquéritos em que o fenómeno em causa foi registado como regular em apenas um informante, contrastando outros informantes com esse, são classificados com o grau 1 mas ficam sublinhados. Os fenómenos são registados no decurso da audição do inquérito ou na consulta da transcrição fonética respectiva. A exigência de registo de pelo menos dois casos para se considerar verificada a existência de um fenómeno permite obviar a eventuais formas acidentais que não representam mais do que um caso isolado, e por isso de valor dialectal duvidoso, no falar respectivo. Todos os fenómenos em que foi necessário utilizar este procedimento ficam marcados com asterisco na lista de 2.2.

Passamos a ver essa lista, que apresenta os resultados da análise perceptiva dos falares do Centro-Sul português. Uma vez que os fenómenos fazem parte, por norma, da tradição dialectológica portuguesa, dispensar-me-ei, a favor da legibilidade do texto, de indicar referências bibliográficas sistemáticas para cada um deles; indicarei contudo referências para casos especiais em que haja menos tradição descritiva ou seja necessária alguma precisão adicional. Pelas mesmas razões — tradição dialectológica portuguesa e legibilidade do texto —, os fenómenos serão mencionados de forma tão simples quanto possível, isto é, far-se-á uso, sempre que se possa, da designação tradicional de cada fenómeno (com eventuais precisões adicionais) e dispensar-se-ão, do mesmo modo, as transcrições fonéticas. Nomearei os pontos de inquérito de acordo com as abreviaturas constantes do mapa 2. Os pontos de inquérito com grau 0 num fenómeno são sempre referidos; se não existem pontos com grau 2 ou 1 num fenómeno, esse facto não é referido.

2.2 Inventário dos dados

Há um total de 69 fenómenos. Se considerarmos apenas os que obtêm grau 2 em pelo menos um ponto de inquérito, temos 53 fenómenos.

2.2.1 Fonética

2.2.1.1 Vogais tónicas (processos fonéticos)

- Nasalização de vogal tónica por consoante nasal seguinte em ataque silábico (e.g. *cãma*, *plêna*, *línho* em vez do português padrão ‘cama, plena, linho’, sempre com vogal tónica oral) — Grau 2: Alp, FA, CV, Qt, PS, SL. Grau 1: Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Ms, ZM. (Grau 0: nenhum ponto de inquérito).
- Palatalização de *a* tónico.⁷ — Classe 1 — Grau 1: Qt. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes). — Classe 2 — Grau 1: FA, CV, Alc, FCN, Bl, Qt, Ms. (Grau 0: Alp, Fr, Cr, ZM, PS, SL).

⁷ A questão da palatalização de *a* tónico é uma das mais complexas da dialectologia portuguesa, como se pode ver, desde logo, pela multiplicidade de regras contextuais que têm sido formuladas a seu respeito (e que, por isso, dão azo a perspectivas diferentes sobre a existência ou não do fenómeno em determinado lugar; cf. Brissos 2012, 16–25). Para simplificar o problema, e para não confundir factos que são bem diferentes, considerarei aqui a existência de duas classes de palatalização de *a* tónico:

1) A palatalização de *a* de acordo com a regra de Segura (2013) (que concorda fundamentalmente com a definida por Brissos 2012 para o Sueste da Beira, e diverge em pormenor de algumas das regras formuladas antes pela literatura: cf. Brissos 2012, 20 e 54s.), fenómeno bem conhecido da dialectologia portuguesa que ocorre sobretudo no Centro-Interior do país. Segundo Segura (2013, 102s.), o *a* dessa área palataliza em *e* directamente correspondente (aberto ou fechado, oral ou nasal) «quando na sílaba pretónica existem (ou existiram) as vogais altas [i], [i̯], [u] ou [ũ] [...] ou as semivogais correspondentes [j] e [w]», como em [piz'eði] ‘pisado’, [sef'er] ‘ceifar’, [kur'eɫ] ‘curral’, [røβ'er] ‘roubar’.

2) Outra palatalização de *a*, sem regra aparente, que está registada em várias zonas do país. Ambas as classes dizem respeito aos três tipos fundamentais de *a* tónico no sistema dialectal português: aberto [a], fechado [ɐ] e nasal [ẽ]. Há no entanto uma hierarquia tipológica na primeira classe, que será referida adiante.

Cabem na segunda classe todas as ocorrências de *a* palatalizado (em próprio [ɛ e ẽ] ou em [æ]) que não respeitam a regra da primeira classe. Uma dada localidade pode, assim, ter os dois subtipos de palatalização de *a*.

Não incluo contudo no fenómeno da palatalização de *a*, classes 1 ou 2, as evoluções *a* > *e* na vogal temática das formas verbais não nominais ou adjectivais, que se podem prender com factores analógicos (i.e. podem não representar um fenómeno de base fonética, mas sim influxo de outros paradigmas morfológicos); e.g. *cantemos* ‘cantamos’, *andêsse* ‘andasse’. Ver sobre o assunto, com atestações nos dialectos portugueses e interpretações morfológicas (e não fonéti-

- Ditongação de *a* nasal tónico final em *ão* (e.g. *a lão* ‘a lã’, *a minha irmão* ‘a minha irmã’, *uma arrão* ‘uma rã’)⁸ – Grau 1: PS, SL. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM).
- Centralização de *e* fechado tónico antes de consoante palatal nasal (e.g. *l[ʲe/ẽ]nha* ‘lenha’, *des[ʲe/ẽ]nho* ‘desenho’) – Grau 2: CV, Fr. (Grau 0: Alp, FA, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL).
- Ditongação de *e* oral tónico fechado interior antes de [ʃ ʒ] finais de palavra (no caso de [ʒ], antes de palavra iniciada por consoante vozeada) em *ei* (= [ej] ou realização análoga; e.g. [rʲejʃ] ‘rês’, [rʲejʒ grʲẽdi] ‘rês grande’, [trʲejʃ] ‘três’) – Grau 2: CV. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes).
- Ditongação de *e* oral aberto ou fechado (português padrão /ε e/) tónicos finais. – *E* oral tónico aberto final > *éi* = [ej] ou realização análoga (e.g. *péi* ‘pé’, *caféi* ‘café’) – Grau 2: CV, Fr, FCN, Bl, Cr, Qt, ZM, SL. Grau 1: FA, Alc, Ms, PS. (Grau 0: Alp). – *E* oral tónico fechado final > *ei* = [ej] ou realização análoga (e.g. *vocêi* ‘você’, *vêi* ‘vê’) – Grau 2: Alp, CV, Qt, ZM. Grau 1: Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Ms, PS, SL. (Grau 0: FA). – Em Qt, na Ms e na ZM, ‘você’ e / ou ‘vossemecê’ têm paragoge de [e] e não de [j], ou seja, são realizados (= grau 2) respectivamente como *vocêa* e *vossemecêa*. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, PS, SL).
- *E* nasal tónico final. – Ditongação e centralização em *ãi* = [ẽj] ou realização análoga (e.g. *bãi* ‘bem’, *tãi* ‘tem’; trata-se, portanto, da realização do português padrão, que na região compreendida é minoritária) – Grau 2: Alp, CV,

cas, no sentido de *leis fonéticas*), Vasconcelos (1970, 110–118); pode referir-se que o carácter duvidoso da classificação das formas citadas como representativas de um fenómeno puramente fonético é justificado, desde logo, pelo facto de ser possível dado falar ter *a* > *e* apenas em formas verbais. Na caracterização que aqui procuramos, utilizaremos apenas formas certas do fenómeno fonético da palatalização de *a*, seja ele da primeira ou da segunda das classes definidas.

Precisões à classificação quantitativa dos fenómenos:

a) Quando se encontram dois casos registados num dado ponto de inquérito e pertencem, cada um desses casos, a uma classe diferente de palatalização de *á*, é atribuído o valor 0 à classe 1 e o valor 1 à classe 2, pois esta é mais ocorrente nos dialectos portugueses; com a primeira deve ser-se particularmente exigente na verificação de casos. Este procedimento foi necessário apenas no inquérito de Cabeço de Vide.

b) O procedimento seguinte não foi necessário em nenhum ponto de inquérito, mas a sua formulação é necessária, desde logo, para estudos comparativos futuros: para se considerar verificada a primeira classe de palatalização de *á*, tem de haver, se apenas se encontram 2 a 5 casos relevantes, pelo menos um com *a* aberto oral etimológico. Se se encontrarem 6 ou mais casos relevantes, é necessário que pelo menos um deles tenha *a* aberto oral para se considerar verificado o grau 2; se não, fica verificado apenas o grau 1.

8 Este fenómeno não tem sido tratado por muitos estudos, mas os que o fizeram apresentaram dados significativos: ver Maia (1981), Brissos (2012, 57ss.).

- Fr. (Grau 0: FA, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL). – Ditongação e manutenção do timbre da vogal, i.e. realização [êj] ou análoga (e.g. *bêi* ‘bem’, *têi* ‘tem’) – Grau 2: Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. Grau 1: FA, CV. (Grau 0: Alp, Fr). – Ausência de ditongação e manutenção do timbre etimológico da vogal, i.e. realização [ê] ou análoga (e.g. *bê* ‘bem’, *tê* ‘tem’) – Grau 2: FA. Grau 1: Alc, Ms. (Grau 0: Alp, CV, Fr, FCN, Bl, Cr, Qt, ZM, PS, SL).
- Ditongação de *o* oral aberto ou fechado (português padrão /ɔ o/) tónicos finais. – *O* oral tónico aberto final > *ou* = [ɔw] ou realização análoga (e.g. *póu* ‘pó’, *têrou* ‘teiró’) – Grau 2: CV, Qt, SL. Grau 1: Bl, Ms, PS. (Grau 0: Alp, FA, Fr, Alc, FCN, Cr, ZM). – *O* oral tónico fechado final > *ou* = [ow] ou realização análoga (e.g. *pergunt[ow]* ‘perguntou’, [v'ow] ‘vou’) – Grau 2: CV, SL. Grau 1: Qt, Ms, PS. (Grau 0: Alp, FA, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, ZM). (– Este traço é a efectiva ditongação de *o* fechado final, e não a conservação do ditongo *ou* nessa posição, que: (i) monotonga em todos os outros contextos, inclusive posição final de palavra não em pausa, como [v'o m'ajz d'pr'ese] ‘vou mais depressa’ vs. [e k'a ne v'ow] ‘eu cá não vou’; (ii) tem um paralelo no *o* aberto, onde não há questão de ditongo histórico que se coloque).

2.2.1.2 Vogais átonas

- *A* átono final. – Abertura e / ou nasalização (e.g. *pag[a/ẽ]* ‘paga’, *cas[a/ẽ]* ‘casa’) – Grau 2: CV, Qt, SL. Grau 1: Ms. (Grau 0: Alp, FA, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, ZM, PS). (– Tanto a abertura como a nasalização são expressões de ênfase e podem coocorrer na mesma palavra, no mesmo falar). – *Palatalização (e.g. *pag[e]* ‘paga’, *cas[e]* ‘casa’) – Grau 2: Alp, PS (aqui com nasalização). Grau 1: Fr. (Grau 0: FA, CV, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, SL).
- *E* oral átono final.⁹ – Apócope (e.g. *lê* ‘leite’, *arv* ‘árvore’) – Grau 2: PS, SL. Grau 1: Alp. (Grau 0: FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM). – Elevação para *i* (= [i]; e.g. *lêti* ‘leite’, *árvi* ‘árvore’) – Grau 2: ZM, Cr. Grau 1: CV, FCN, Qt, Ms. (Grau 0: Alp, FA, Fr, Alc, Bl, PS, SL). – Realização *ẽ* (= [ê]; e.g. *lêẽ* ‘leite’, *arvẽ* ‘árvore’) – Grau 1: FA, CV. (Grau 0: Alp, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL).
- *E* nasal átono final.
 - Em verbos. (– As diferentes realizações de *ẽ* átono final verbal não são condicionadas pelo contexto fonético). – Ausência de ditongação e manutenção do timbre etimológico *ẽ* (e.g. *cómẽ* ‘comem’, *mórrẽ* ‘morrem’) –

⁹ Entender-se-á que o que não fica coberto pelos três fenómenos listados a seguir fica coberto pela realização normativa: [i]/[ĩ].

- Grau 2: FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. (Grau 0: Alp). – Ausência de ditongação e timbre *ĩ* (e.g. *cómĩ* ‘comem’, *mórĩ* ‘morrem’) – Grau 2: Alp, Alc. Grau 1: FA. (Grau 0: CV, Fr, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL). – Ausência de ditongação e de nasalização com elevação em [i] (e.g. *cómi* ‘comem’, *móri* ‘morrem’) – Grau 2: Alp. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes). – Realização nula (e.g. *com* ‘comem’, *mor* ‘morrem’) – Grau 1: SL. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes).
- Em formas não-verbais. (– As diferentes realizações de *ẽ* átono final em formas não-verbais podem ocorrer em qualquer contexto fonético, i.e. não há restrições contextuais absolutas para nenhuma das quatro realizações registadas no Centro-Sul que serão referidas seguidamente. A realização [e] surge, contudo, de modo preferencial depois de fricativa palatal sonora (como em ‘fuligem, barragem, ferrugem’). – O plural (-ens, como em ‘fuligens’, etc.) obedece às mesmas regras do singular). – Ausência de ditongação e manutenção do timbre etimológico *ẽ* (e.g. *hómẽ* ‘homem’, *fuligẽ* ‘fuligem’) – Grau 2: CV, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. Grau 1: Alp, FA. (Grau 0: Fr). – Ausência de ditongação e de nasalização sem redução total da vogal, i.e. realizações [i]/[ĩ] ou [i]/[ĩ] (e.g. *hom[i]* ‘homem’, *fulig[i]* ‘fuligem’) – Grau 2: Alp, FA, CV, Fr. Grau 1: Alc, Bl, Cr, Qt, ZM. (Grau 0: FCN, Ms, PS, SL). – Realização nula (e.g. *hom* ‘homem’, *fulij* ‘fuligem’)¹⁰ – Grau 2: Alp, Fr, Alc. Grau 1: FA, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. (Grau 0: CV). – Realização -a, i.e. [e] (e.g. *homa* ‘homem’, *fulija* ‘fuligem’) – Grau 1: CV, Fr, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. (Grau 0: Alp, FA, Alc).
 - Apócope ou realização como schwa do *o* átono final = [u] do português padrão (e.g. *cot([i])* ‘coto’, *lour([i])* ‘louro’) – Grau 2: Alp, Alc, PS, SL. Grau 1: FA, Fr. (Grau 0: CV, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM).

2.2.1.3 Ditongos e hiatos

- Tendência para redução generalizada de ditongos. – Tendência para a redução generalizada dos ditongos finais de palavra ou seguidos de -s (= [ʒ z]) do plural (e.g. [alpeʎ'ẽ] ‘Alpalhão’, [bekeʎ'a] ‘bacalhau’, [kerek'ɔʒ] ‘caracóis’ [kerek'ɔʒ de per'edʒ] ‘caracóis da parede’, [p'lm'õʃ] ‘pulmões’, [pɛp'eʃ] ‘papéis’, [pɛp'eʒ emeʎ'i'ĩn'j] ‘papéis amarelinhos’) – Grau 2: Alp. (Grau 0: todos

¹⁰ Percebe-se que tanto neste como no subponto anterior há ou houve a evolução de *e* nasal átono final para -e, i.e. *e* oral átono final.

- os doze restantes pontos de inquérito). – Tendência para a redução generalizada dos ditongos finais de palavra quando e apenas quando seguidos de -s (= [ʃ ʒ z]) do plural (exemplos no subponto anterior) – Grau 2: Alc. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito).
- **Áo* (tónico) final: evolução para -om (= [õw]/[õ]) em monossílabos (e.g. *dom* ‘dão’, *pom* ‘pão’, *mom* ‘mão’; sempre em posição forte) – Grau 1: FCN, Bl, Qt. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc, Cr, Ms, ZM, PS, SL).
 - Desenvolvimento de semivogais na fonética sintáctica para desfazer hiatos.
 - Semivogal palatal (i.e. [j]). – Entre vogal não velar (sobretudo, quando palatal, aberta) e *e* tónico (e.g. *a-i-erva* ‘a erva’, *comprava-i-eu* ‘comprava eu’, *é-i-ele* ‘é ele’) – Grau 2: FA, Bl, Cr. Grau 1: CV, Alc. (Grau 0: Alp, Fr, FCN, Qt, Ms, ZM, PS, SL). – Entre vogal não velar (sobretudo central) e *a* (e.g. *a-i-água* ‘a água’, *já lá-i-andéram* ‘já lá andaram’) – Grau 1: FA. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito).
 - Semivogal velar (i.e. [w]). – Antes de qualquer vogal tónica (anterior, central ou posterior; e.g. *isso não sê-u-ê* ‘isso não sei eu’, *é-u-este* ‘é este’, *na-u-água* ‘a água’, *prò-u-òtro* ‘para o outro’, *da-u-horta* ‘da horta’) – Grau 2: Alp. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito). – Antes de vogal tónica apenas central ou posterior (exemplos no subponto anterior) – Grau 1: CV. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito).

2.2.1.4 Consonantismo

- *L* em coda. – Pronúncia alveolar (ou seja, não velarizada, como o português padrão; semelhante portanto ao *l* em coda do castelhano) sobretudo depois de vogal anterior mas também, esporadicamente, noutros contextos (e.g. ‘silvo’, ‘melzinho’, ‘maldade’, ‘solto’) – Grau 2: ZM. Grau 1: FA, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, SL. (Grau 0: Alp, CV, Fr, PS). – Semivocalização velar contextual (depois de vogal aberta não arredondada; e.g. g[aw]gar ‘galgar’, s[aw]guêro ‘salgueiro’, [v^lewgɛ] ‘belga’) – Grau 2: Fr. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes).
- Pronúncia (ligeiramente ou acentuadamente) retroflexa (*aproximante*) da vibrante simples (português padrão [r]) (sem contexto) – Grau 2: CV, Bl, Cr. (Grau 0: Alp, FA, Fr, Alc, FCN, Qt, Ms, ZM, PS, SL).
- Pronúncia uvular da vibrante múltipla (sem contexto)¹¹ – Grau 2: Fr, Bl. Grau 1: FA. (Grau 0: Alp, CV, Alc, FCB, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL).

¹¹ Pronúncia, portanto, do mesmo tipo da do português padrão: [ʀ]. Nas restantes localidades, como na grande maioria dos dialectos portugueses, a pronúncia da vibrante múltipla é alveolar:

- Apócope de *r* em pausa, sobretudo em infinitivos verbais, mas com extensão a outros contextos (e.g. *andá* ‘andar’, *morreê* ‘morrer’, *fugi* ‘fugir’) – Grau 2: Alp (fenómeno registado de forma regular apenas nos infinitivos das 1.^a e 3.^a conjugações; os infinitivos da 2.^a conjugação, terminados em *-er*, têm na tónica uma vogal mista: cf. Brissos 2014, §3.4.⁹), Alc (fenómeno registado de forma regular apenas nos infinitivos da 1.^a conjugação). (Grau 0: FA, CV, Fr, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL). (– A disparidade referida entre, por um lado, os verbos e, por outro, as restantes classes morfológicas tem sido notada na região: cf. e.g. Carreiro 1948, 37s.; Baptista 1967, 70. Os nossos dados não inovam, por isso, a esse respeito).
- Vogal de apoio de líquida final ([l r]). – Vogal *e*, i.e. *e* oral átono final (ver sobre as realizações fonéticas respectivas 2.2.1.2 atrás) (e.g. *male* ‘mal’, *mare* ‘mar’, *sole* ‘sol’, *tere* ‘ter’) – Grau 2: CV, Fr, FCN, Bl, Cr, Ms, ZM. Grau 1: FA, Alc, Qt. (Grau 0: Alp, PS, SL). – Vogal *a*, i.e. *a* oral átono final (e.g. *Abrila* ‘Abril’, *sabera* ‘saber’, *maiora* ‘maior’) – Grau 1: Qt. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes). (– Fenómeno que ocorre sobretudo com *-r* e em ênfase; o seu timbre insere-se portanto, normalmente, no paradigma de 2.2.1.2 atrás).
- Vogal de apoio de sibilante final (= [ʃ] do padrão, que agora tem realização vozeada, [ʒ], na sequência do apoio vocálico que se segue). (– A vogal de apoio insere-se no paradigma de *e* oral átono final, ou seja, está de acordo com o descrito em 2.2.1.2 atrás; interessa, no entanto, ter também em conta o que será referido no segundo sub-ponto do fenómeno que estamos a ver, i.e. o sub-ponto intitulado «Quando a sibilante está antecedida de vogal») – Quando a sibilante está antecedida de semivogal palatal (e.g. *po(i)je* ‘pois’, *caracó(i)je* ‘caracóis’, *limô(e)je* ‘limões’) – Grau 2: FCN, Bl, ZM. Grau 1: CV, Fr, Cr, Qt. (Grau 0: Alp, FA, Alc, Ms, PS, SL). (– Existe alternância entre a conservação ou a eliminação da semivogal do ditongo. Essa alternância verifica-se não necessariamente entre falares mas entre as produções de um mesmo falante ou de diferentes falantes de um mesmo falar / ponto de inquérito; prende-se, principalmente, com a questão mais lata da simplifica-

[r]. As localidades dos nossos dados em que existe *r* múltiplo uvular divergem do português padrão num ponto: em posição final de sílaba antes de [n] ou [l] a vibrante é na mesma múltipla, mas tende a ser uvular. No padrão essa vibrante é simples, portanto [r]; nos dialectos que têm como vibrante múltipla a alveolar [r], ocorre no contexto referido o mesmo [r], sobretudo em pronúncia enfática – ou, melhor, não atenuada, pois a ênfase não tem de ser forte. Os pontos de inquérito de *r* múltiplo uvular concordam portanto com os de *r* múltiplo alveolar na existência de *r* múltiplo antes de *n* ou *l* de sílaba seguinte; mas mantêm a realização uvular que ocorre em início de sílaba.

- ção de ditongos e não interessa directamente para a análise deste fenómeno específico). – Quando a sibilante está antecedida de vogal (e.g. *canzije* ‘canzís’, *escádaje* ‘escadas’, *arrebêtoje* ‘arrebentos’) – Grau 1: Fr, FCN, Bl, Cr, ZM. (Grau 0: Alp, FA, CV, Alc, Qt, Ms, PS, SL). (– Fenómeno que ocorre sobretudo com *-as* e *-is*. Registei-o muito poucas vezes com vogal velar. Desse modo, apesar de o timbre da vogal paragógica, nesse contexto, não ter diferido do dos outros contextos, há a manter aberta a possibilidade de se verificar, ou se ter verificado noutra sincronia, a mesma harmonia vocálica descrita em Brissos 2012, 106, para o Sueste da Beira: quando antecede a sibilante vogal ou semivogal velares, o timbre da paragógica é [u] – correspondente a *o* átono final; quando é outra vogal que antecede a sibilante, o timbre da paragógica é [i]/[i] – que corresponde a *e* átono final).
- *Ausência de [ɲ] medial (e.g. *mioca*, ‘minhoca’, *tíamos* ‘tínhamos’, sem vogais nasais) – Grau 1: Fr. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito).
 - Desenvolvimento de semivogal velar entre consoante velar e *a*, sobretudo tónico e apenas quando está ou esteve um [u/ũ] ou [w] na sílaba anterior (e.g. *o guato* ‘o gato’, *dum guancho* ‘dum gancho’, *moscardo* ‘moscardo’, *jogador* ‘jogador’) – Grau 2: Alp. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito).

2.2.2 Morfo-Sintaxe

2.2.2.1 Nominais

- *Conservação de *n* intervocálico latino antes do sufixo *-ito* (e.g. *canito* ‘cãozinho’, *panito* ‘pãozinho’, *manita* ‘mãozinha’) – Grau 2: FCN, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc, Bl).
- *Formas reforçadas dos demonstrativos («aqueste», «aquesse»; «aquesta», etc.) – Grau 1: Alc. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes).
- *Confusão nos paradigmas nominais singular / plural com *o* tónico (i) diferente do singular para o plural (e.g. p[ʰ]o[ɾ]co ~ p[ʰ]o[ɾ]cos) ou (ii) igual em ambos os números (e.g. perdig[ʰ]o[ɾ]to / perdig[ʰ]o[ɾ]tos). – Convergência do singular em [ɔ], à imagem do plural do tipo (i) (entendido como o dominante) – Grau 1: Alp, Ms, PS, SL. (Grau 0: FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, ZM). (– Este fenómeno ocorre tanto em contexto etimológico – e.g. p[ʰ]o[ɾ]co < PÓRCU-, [ɔ]vo < ðVU- – como em contexto não etimológico – e.g. arr[ʰ]o[ɾ]to < RUCTU-, t[ʰ]o[ɾ]do < TURDU-. É de uma convergência, motivada por *confusão*, que se trata. Sendo que se toma como referência, naturalmente, o português padrão). – Convergência do plural em [o], como no singular – Grau 2: Qt, Ms,

ZM, PS, SL. Grau 1: FCN, Cr. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc, Bl). – Convergência do plural em [ɔ], i.e. plurais híper-correctos em [ɔ] (e.g. *perdig[ɔ]tos* em vez de *perdig[o]tos*) — Grau 2: Alp. Grau 1: Cr. (Grau 0: FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Qt, Ms, ZM, PS, SL).

2.2.2.2 Verbos¹²

- Quando a terminação átona verbal *-am* se mantém (ver subponto seguinte), a realização mais representativa é, em toda a região (o mesmo é dizer: em todos os pontos de inquérito analisados, com grau 2), *-om* [õ] ou, menos frequentemente, *-u(m)* [ũ/u], e não o português padrão [ẽw].
- Confusão entre as terminações verbais átonas *-am* e *-em*. – Evolução de *-am* para *-em* (e.g. *trabalhem* ‘trabalham’, *sachem* ‘sacham’) — Grau 2: Alp, FA, CV, Fr, Alc, PS, SL. (Grau 0: FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM). – Evolução de *-em* para *-am* (e.g. *fazam* ‘fazem’, *dromam* ‘dormem’) — Grau 2: PS. Grau 1: CV. (Grau 0: Alp, FA, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, SL).
- Alongamento da 1.^a pessoa do plural do infinitivo flexionado, i.e. epêntese de *a* oral átono antes da desinência pessoal (e.g. *pôramos* ‘pormos’, *fazêramos* ‘fazermos’)¹³ — Grau 1: Fr, SL. (Grau 0: Alp, FA, CV, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS).
- Gerúndio flexionado (e.g. «em tu vindos», «em apanhândomos uma dessas», «em (es)tandem todas no cortiço») — Grau 2: Alp, CV. Grau 1: FA, Alc, FCN, Bl, Cr, Ms. (Grau 0: Fr, Qt, ZM, PS, SL).
- Gerúndio em perífrases verbais, em vez de infinitivo (e.g. «elas estão descansando» por ‘elas estão a descansar’, «que é que andas aí fazendo?» por ‘que é que andas aí a fazer?’, «eu fiquei gostando muito dela» por ‘eu fiquei a gostar muito dela’) — Grau 2: FCN, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. Grau 1: FA, CV, Bl. (Grau 0: Alp, Fr, Alc).
- Terminação *-ávimos/ávemos* por ‘-ávamos’ na 1.^a pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação (e.g. *botávimos* ‘botávamos’, *jogávemos* ‘jogávamos’) — Grau 2: Alp. Grau 1: CV. (Grau 0: FA, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL). (— A diferença entre *-ávimos* e *-ávemos* está em que o primeiro tem [i] na pós-tónica e o segundo uma vogal neutra, [i]).

¹² Sobre a ocorrência preferencial em infinitivos verbais da apócope de *r*, cf. supra 2.2.1.4.

¹³ Fenómeno com pouca tradição na literatura; veja-se mais sobre o mesmo em Buescu (1984, 108); Brissos (2012, 136), que o registam no distrito de Castelo Branco.

- Terminação *-i* na 1.^a pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos da 1.^a conjugação (e.g. *and[’i]* ‘andeí’, *cant[’i]* ‘canteí’, *sobi[’i]* ‘assobieí’) — Grau 2: FCN, Qt, Ms, ZM, SL. Grau 1: Bl, Cr, PS. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc).
- Nasalização da vogal tónica da 1.^a pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos das 2.^a e 3.^a conjugações (e.g. *conhecim* ‘conheci’, *redigim* ‘redigi’, *puns* ‘pus’) — Grau 2: FA. Grau 1: FCN. (Grau 0: Alp, CV, Fr, Alc, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL).
- Realização como *-ei* da terminação da 3.^a pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos da 2.^a conjugação (i.e. anteriorização da semivogal do ditongo; e.g. *moei* ‘moeu’, *descei* ‘desceu’, *lei* ‘leu’) — Grau 2: Alp. (Grau 0: todos os doze pontos de inquérito restantes).
- Redução da terminação da 3.^a pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos da 3.^a conjugação em pausa (e.g. *(ele) vi* ‘(ele) viu’, *(ele) parti* ‘(ele) partiu’) — Grau 2: Alp,¹⁴ PS. (Grau 0: FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, SL). (— Verifica-se portanto, nos falares que sofrem este fenómeno, identificação entre a 1.^a e a 3.^a pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 3.^a conjugação: *eu dormi* ‘eu dormi’ = *ele dormi* ‘ele dormiu’.)
- Convergência da 1.^a e da 3.^a pessoas do singular em perfeitos fortes (i.e. formas de pretérito perfeito simples acentuadas no radical). — Convergência de ‘fui’ e ‘foi’ em ‘foi’ (e.g. «eu foi / ele foi») — Grau 2: Alp. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito). (— Este fenómeno dá-se tanto com o verbo ‘ir’ como com ‘ser’). — Convergência de ‘pus’ e ‘pôs’ em ‘pôs’ (e.g. «eu pôs / ele pôs») — Grau 2: Alp. (Grau 0: todos os doze restantes pontos de inquérito).
- *Substituição do pretérito perfeito pelo pretérito mais-que-perfeito na 1.^a pessoa do plural (e.g. *apanhár(a)mos* ‘apanhámos’, *comêr(a)mos* ‘comemos’, *partír(a)mos* ‘partimos’) — Grau 2: FA, Qt. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Ms, ZM, PS, SL). (— A terminação pode ser *-ramos*, com [e] ou próximo antes da desinência de pessoa, ou *-rmos*, sem vogal entre *-r-* e *-m-*; a segunda domina. O acento recai, em qualquer dos casos, na mesma vogal em que no português padrão. — O fenómeno ocorre mais nos verbos da 1.^a conjugação; nos verbos irregulares é onde ocorre menos).
- Estrutura «*á* que» por ‘é que’ (e.g. «eu *á* que a vi», «isto aqui *á* que serve») — Grau 2: Alp, SL. Grau 1: FA. (Grau 0: CV, Fr, Alc, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS).

14 Em Alpalhão, a existência do fenómeno pode estar ligada com a tendência generalizada de simplificação dos ditongos finais tónicos apresentada pelo falar (cf. supra 2.2.1.3). Nas formas verbais equivalentes da 2.^a conjugação não houve, contudo, monotongação; antes, como se viu no subponto anterior, modificação da semivogal do ditongo.

- Forma *hai* [ˈaj] (= português antigo «há i», equivalente do francês «il y a», do espanhol «hay», etc.: cf. Vasconcelos 1970, 116) por ‘há’ — Grau 2: FCN, Cr, Ms. Grau 1: Bl, SL. (Grau 0: Alp, FA, CV, Fr, Alc, Qt, ZM, PS).

2.2.2.3 Outros

- Redução proclítica de ‘não’ em [nɐ]/[nẽ] (e.g. *na fui eu* ‘não fui eu’, *nã sei* ‘não sei’ *na acreditava* ‘não acreditava’) — Grau 2: Alp, CV, Fr, FCN, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS, SL. Grau 1: FA. (Grau 0: Alc). (— A alternativa à redução proclítica indicada é a realização plena do advérbio, tal como em posição forte e tal como sucede no português padrão. Não existe portanto como alternativa corrente a redução proclítica que ocorre no Norte e Centro do país, *nu/nũ*).
- Uso da preposição ‘a’ para indicar locais específicos (como no português lisboeta mas ao contrário da maior parte dos dialectos portugueses; e.g. «ali ao matadouro», «ali àquele supermercado», «tem uma ali ao poço», por ‘ali no matador’, ‘ali naquele supermecado’, ‘tem uma ali no poço’, ou análogo) — Grau 1: Fr, FCN, SL. (Grau 0: Alp, FA, CV, Alc, Bl, Cr, Qt, Ms, ZM, PS).

2.3 Análise dos dados

Utilizaremos dois tipos de análise: uma análise dialectométrica, i.e. quantitativa, e uma análise qualitativa, focada apenas em alguns traços especiais.

2.3.1 Análise dialectométrica

2.3.1.1 Adoptaremos no essencial o método e a terminologia tradicionais estabelecidos por Goebel (1981 e 1983). Para melhor compreensão do que será apresentado, definiremos sucintamente alguma dessa terminologia. Importa, em primeiro lugar, ter presente o que Goebel define como Função Comunicativa interpontual, que é a função que se relaciona com a semelhança entre cada par de pontos de inquérito. Por oposição à Função Comunicativa, existe a Função Discriminatória, isto é, a função que se relaciona com a diferença entre esse mesmo par de pontos. As semelhanças são designadas por coidentidades (COI) e as diferenças por codiferenças (COD). A partir das COI é possível determinar qual o índice de semelhança existente entre dois pontos, que se designa por Índice Relativo de Identidade (IRI). O IRI pode definir-se como a razão, em percentagem, entre o somatório das COI, por um lado, e o somatório das COI mais o somatório das COD, por outro. Por sua vez, as COD permitem estabelecer qual o índice de diferenças

existente entre dois pontos. Esse índice é designado por Índice Relativo de Distância (IRD). No presente trabalho utilizaremos apenas IRIs, para a visualização dos quais foi desenhado em mapa um mosaico poligonal à volta de cada ponto: cf. mapa 5. É nesse mosaico que os valores de cada um dos pontos serão visualizados, em mapas sucessivos consoante os pontos em análise variem.

Como os valores dos IRI encontrados em cada um dos pontos raramente coincidem (em qualquer estudo dialectal), o que torna a respectiva visualização praticamente impossível, Goebel junta, por escalões, esses valores através de um algoritmo de intervalações MIN MW MAX. Primeiramente, há que determinar o número de intervalos nos quais serão agrupados os valores do IRI; no caso do presente estudo, foram estabelecidos quatro intervalos. Esse algoritmo consta do seguinte: (i) determinou-se a média aritmética da totalidade dos valores de IRI; (ii) dividiu-se por 2 a diferença entre a média aritmética e o valor do IRI mais baixo; (iii) dividiu-se por 2 a diferença entre o valor mais elevado de IRI e a média aritmética. Os resultados encontrados em (ii) irão permitir reunir, em dois dos quatro intervalos, todos os IRIs que apresentam valores abaixo da média. Por sua vez, os resultados encontrados em (iii) servirão para agrupar, nos restantes dois intervalos, os valores dos IRIs acima da média.

2.3.1.2 Para testar a hipótese referida na Introdução, interessa-nos observar, na análise dos dados dos treze pontos de inquérito considerados, fundamentalmente graus de semelhança ou afinidade linguística. Partiremos, para tal, das tabelas 1 e 2 (Anexo, II. Tabelas). A tabela 1 apresenta as concordâncias ou afinidades entre cada ponto de inquérito e os outros. O ponto de partida é o seguinte: para cada fenómeno dialectal, dois pontos de inquérito concordam ou discordam na sua realização. A concordância existe se o fenómeno se verifica nos dois pontos de inquérito, e também se ele não se verifica; a discordância existe se o fenómeno se verifica em apenas um deles. A tabela 2 segue o mesmo método, diferindo apenas no facto de considerar concordância ou afinidade somente a ocorrência ou não-ocorrência simultânea de fenómenos em grau 2; emparelha, portanto, a verificação em grau 1 com a não-verificação (grau 0). Dessas matrizes derivaremos os IRIs dos pontos de inquérito que nos interessa focar.

O aspecto que mais nos interessa observar é o grau de afinidade dos pontos de inquérito que representam CI e SW — respectivamente Alpalhão e Praia da Salema, que, como se vê em Brissos (2014), se inserem de modo perfeito no paradigma conhecido para aquelas variedades — com outros pontos.

Os mapas 6-1 e 6-2, derivados respectivamente das tabelas 1 e 2, apresentam o IRI de Alpalhão com os restantes pontos de inquérito. Pode ver-se que tanto num como noutro IRI os parentescos de Alpalhão estão distribuídos por toda a

região: há *pontos quentes* (pontos de inquérito com afinidade acima da média) em zonas bem afastadas e não se podem estabelecer compartimentações absolutas de afastamento progressivo em relação a Alpalhão; ou seja, existe dispersão significativa nos graus de afinidade com Alpalhão.

Praia da Salema (mapas 7-1 e 7-2) não apresenta o mesmo nível de dispersão de afinidade, mas o mapa 7-2 (aquele que, por representar afinidades apenas em fenómenos de grau 2, está indexado a maior *intensidade dialectal*) coloca um *hot-spot* de nível máximo em Alcochete, totalmente distante de Salema.

Se derivarmos os IRIs dos restantes pontos de inquérito que tocam nos extremos Norte e Sul da região considerada, teremos os mapas 8-1 e 8-2 (Foros do Arrão), 9-1 e 9-2 (Freixial) e 10-1 e 10-2 (Santa Luzia). Todos esses pontos de inquérito se inserem no paradigma dos anteriores, apresentando dispersão de afinidade significativa em um ou em ambos os IRIs.

Estes são factos que favorecem decisivamente a hipótese que testamos, pois indicam um Centro-Sul não cindido mas sim profundamente interligado em toda a sua extensão.

2.3.2 Análise qualitativa

É importante complementar a análise quantitativa e indiscriminada com uma análise que foque um conjunto de traços tidos como especialmente importantes. E aqui, tal como na análise dialectométrica, não precisamos de ir longe para nos depararmos com factos que favorecem de forma decisiva a hipótese que colocámos.

Do inventário dos traços destacados de CI e SW apresentado por Segura (2013, 102–105), alguns não são compreendidos pelo estudo acústico de Brissos (2014); incluem-se, no entanto, no âmbito dos dados perceptivos que apresentamos no presente artigo. Esses traços são os seguintes:

1. Centro-Interior
 - 1.1 Palatalização contextual de *a* tónico: nos nossos dados (2.2.1.1), fenómeno não registado na área de CI, mas sim bem longe: Quintos.
 - 1.2 Apócope ou passagem a schwa de [u] átono final, que os nossos dados (2.2.1.2) atestam em vários pontos de inquérito a toda a extensão das zonas Norte e Sul da área considerada: Foros do Arrão, Freixial, Alpalhão, Alcochete, Praia da Salema e Santa Luzia.
 - 1.3 Já não no âmbito dos «traços mais salientes» da variedade, mas como exemplo do seu carácter arcaizante, Segura destaca dois traços: a sobrevivência da africada palatal sonora (e.g. [dʒ'a] 'já'; p. 103), que não está registada

nos nossos dados, e a das formas reforçadas de demonstrativos (pp. 103 e 129), que registámos (2.2.2.1) em apenas uma localidade, Alcochete, que está longe da área de CI.

2. Sudoeste

- 2.1 A ditongação de *a* final tónico em *au*, que não registámos em nenhum ponto de inquérito.
- 2.2 A monotongação de [ɛw] final tónico, que também não registámos como fenómeno específico em nenhuma localidade, embora esteja contido nas tendências gerais de monotongação referidas em (2.2.1.3) para Alpalhão e Alcochete (portanto longe de SW).
- 2.3 A apócope das vogais finais [u], fenómeno cuja distribuição já vimos, e [i], que nos nossos dados (2.2.1.2) está registada nos extremos Norte e Sul: Alpalhão, Praia da Salema e Santa Luzia.

O mapa 11 sistematiza os fenómenos de CI e SW que acabámos de referir; pode ver-se que dispersão é mais uma vez a palavra de ordem, i.e. também da análise qualitativa, como da quantitativa / dialectométrica, ressalta a imagem de um Centro-Sul muito mais coerente do que fragmentado.

3 Conclusão

O problema da (des)unidade dialectal do Centro-Sul português não termina, naturalmente, nos aspectos que tratámos neste artigo; mas a abordagem que fizemos, multidisciplinar (faz uso de dados acústicos e perceptivos, estes tratados qualitativa mas também dialectometricamente), abrangente (inclui um tratamento exaustivo dos sistemas gramaticais tidos em consideração) e coerente (utiliza exactamente os mesmos materiais do estudo acústico para o estudo perceptivo), permite obter informações robustas que favorecem liminarmente a hipótese apresentada na Introdução (cf. supra):

«as variedades dialectais CI e SW não são factos dialectais isolados do restante conjunto centro-sulista do país, mas sim exponenciações de tendências superiores do Centro-Sul».

De facto, tanto ao nível dos traços dialectais mais destacados (desde logo os tradicionalmente referidos como típicos de CI e SW) como ao nível de todos os outros, dispersão é, no Centro-Sul de Portugal, a palavra de ordem. Assim, pode dizer-se que a proposição que estabelece a hipótese referida deve, à falta de dados ulteriores igualmente ou mais robustos, ser tida como verdadeira. A partir daí, três questões importantes para a história do português são decisivamente modificadas:

- a) CI e SW não são exactamente «regiões subdialectais com características peculiares bem diferenciadas» (classificação da tradição da *Nova Proposta* de Cintra); são, a partir do que se viu na Introdução, *regiões extremas de processos mais ou menos gerais*. Dado que esse conceito não está consagrado na visão tradicional dos dialectos portugueses do Centro-Sul, a nomenclatura respectiva deve ser revista.
- b) A existência de variedades dialectais, no Centro-Interior e no Barlavento algarvio, com carácter destacado não é, porém, posta em causa; apenas a sua origem e posição no todo do Centro-Sul deverá ser entendida como diferente. Nesse sentido, temos novos dados não só para formular teorias explicativas da origem e evolução dessas variedades como do Centro-Sul no seu todo, pois esses dados interferem com toda a região. Mais do que isso, novas teorias impõem-se, pois as anteriores partiram de uma visão do Centro-Sul ainda insuficientemente apurada — i.e. partiram do conceito de um Centro-Sul mais fragmentado do que é na realidade (facto compreensível se tivermos em consideração a escassez de materiais dialectais que os autores tinham à sua disposição, escassez ainda hoje manifesta, embora, graças ao *corpus* extraordinariamente rico que é o ALEPG, em muito menor grau).
- c) Não obstante a existência de duas variedades destacadas dentro da sua área, o Centro-Sul tem sido apontado como região dialectal mais uma do que o Norte: tal como refere Brissos (2014, §1.^o), «As dialectological and historical studies put it, there are three main topics pertaining to the identity of Portuguese central-southern [...] dialects: *a*) they take their origin from the north of the country and developed in a part of the former medieval Islamic empire; *b*) they are fairly homogeneous, containing two very distinct varieties / subdialects; *c*) they form the basis of standard Portuguese» (cf. desenvolvimento da questão e referências ib.). Os nossos dados mostram que os dialectos centro-sulistas são ainda mais unos do que se supunha (relembre-se o que foi dito na alínea *a*) mas, ao fazê-lo, afastam o português padrão desta área dialectal — da região em que está localizado. Porque é que se verifica essa cisão, i.e. porque é que a variedade padrão conflitua de forma tão flagrante com aquelas *tendências superiores* que foram referidas? Devido à sua origem remota no Norte do país (onde nasceu a língua) e posterior localização, durante séculos, no eixo Coimbra-Lisboa? Devido ao possível facto de ser uma variedade mais vertical (dias-trática) do que horizontal (diatópica)? Ou a uma conjugação dos dois factores? Para responder a essa questão teremos de fazer, para regiões mais a Norte, o mesmo tipo de abordagem que fizemos para a zona mais a Sul de Portugal.

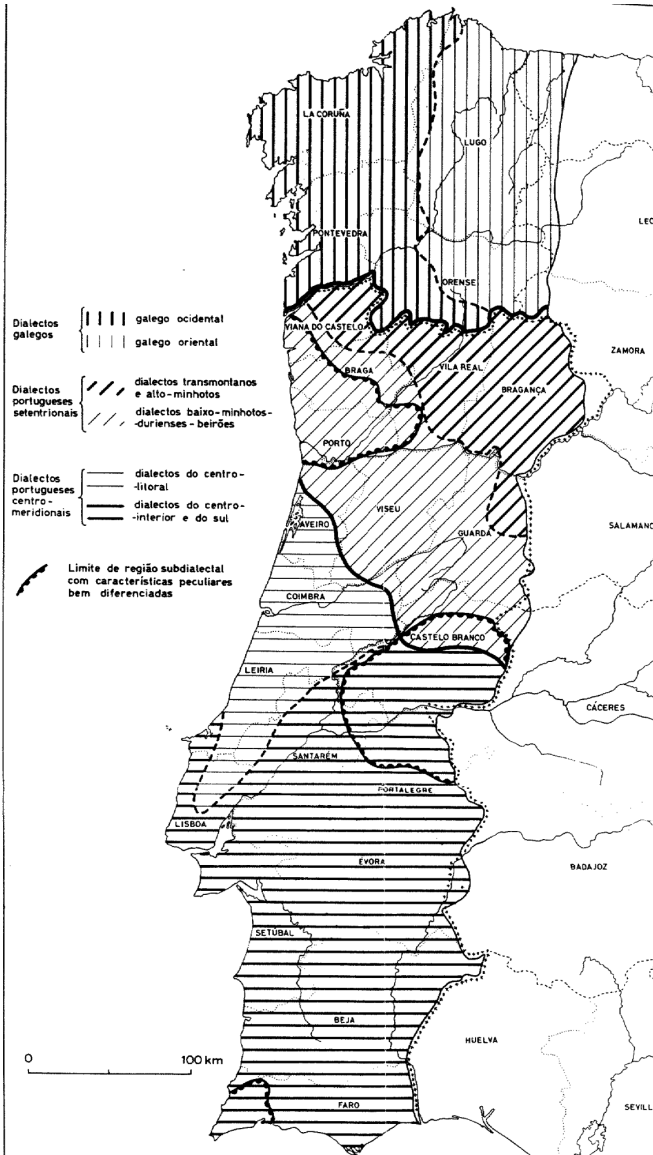
4 Referências citadas

- Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*, <<http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg?showall=1>> [consultado em 26/09/2014].
- Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, Questionário linguístico*, 3 vol., Lisboa, Instituto de Linguística, 1974.
- Baptista, Cândida, *O falar da Escusa*, Dissertação de licenciatura, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1967.
- Brissos, Fernando, *Linguagem do Sueste da Beira no tempo e no espaço*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2012.
- Brissos, Fernando, *New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels*, *Journal of Portuguese Linguistics* 13:1 (2014), 63–115.
- Brissos, Fernando/Saramago, João, *O problema da diversidade dialectal do Centro–Sul portugueses: informação perceptiva versus informação acústica*, *Estudos de Linguística Galega* 6 (2014), 53–80.
- Buescu, Maria Leonor, *Monsanto: etnografia e linguagem*, Lisboa, Presença, ²1984 (Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961).
- Carreiro, Maria Eduarda, *Monografia linguística de Nisa*, Dissertação de licenciatura, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1948.
- Castro, Ivo, *Introdução à história do português*, Lisboa, Colibri, ²2006.
- Cintra, Luís Lindley, *Os ditongos decrescentes «ou» e «ei»*. *Esquema de um estudo sincrónico e diacrónico*, in: id., *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1983, 35–54 (primeira publicação: Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica (1958), Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1970, 115–134) (= 1983a).
- Cintra, Luís Lindley, *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*, in: id., *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa, 1983, 117–163 (primeira publicação: *Boletim de Filologia* 22 (1971), 81–116) (= 1983b).
- Cunha, Celso/Cintra, Luís Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 1984.
- Delgado-Martins, Maria Raquel, *Análise acústica das vogais tónicas do português*, in: ead., *Fonética do português: trinta anos de investigação*, Lisboa, Caminho, 2002, 41–52 (primeira publicação: *Boletim de Filologia* 22 (1973), 303–314).
- Escudero, Paola, et al., *A cross-dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese*, *Journal of the Acoustical Society of America* 126 (2009), 1379–1393.
- Goebel, Hans, *Éléments d'analyse dialectométrique (avec application à l'Als)*, *Revue de Linguistique Romane* 45 (1981), 349–420.
- Goebel, Hans, *Parquet polygonal et treillis triangulaire: les deux versants de la dialectométrie interponctuelle*, *Revue de Linguistique Romane* 47 (1983), 353–412.
- Gottschalk, Maria Filipa, *Trabalhos preparatórios para o ALEPG*, in: Alvar, Manuel (ed.), *Actas del V Congreso Internacional de Estudios Lingüísticos del Mediterráneo*, Madrid, CSIC, 1977, 573–578.
- Haudricourt, André/Juillard, Alphonse, *Essai pour une histoire structurale du phonétisme français*, Paris, Klincksieck, 1949.

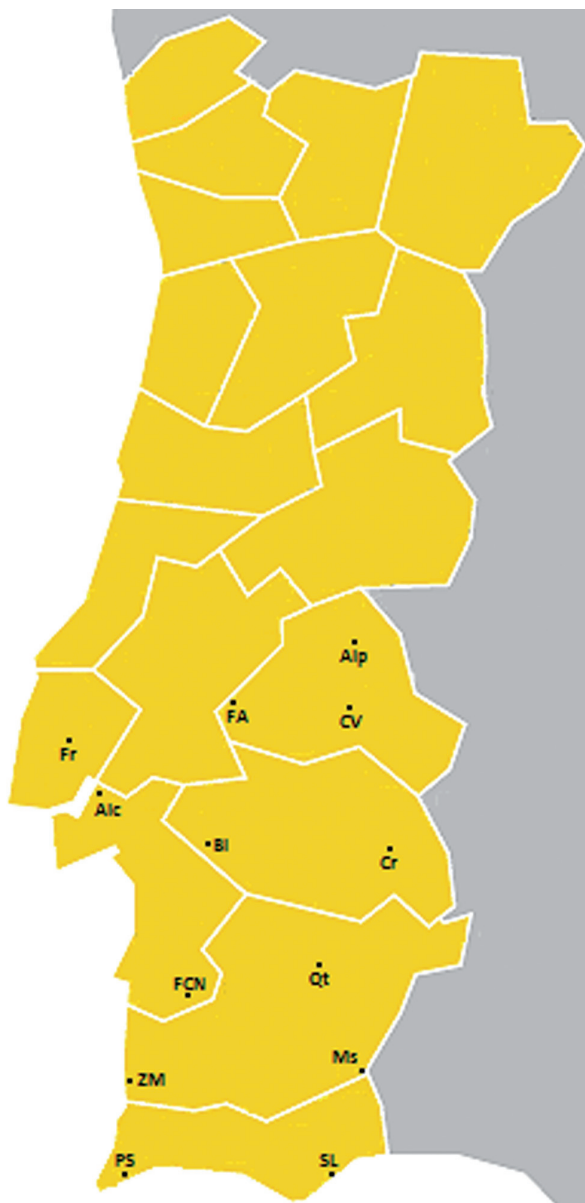
- Maia, Clarinda de Azevedo, *Geografia dialectal e história do português: resultados da terminação latina - ANA*, Biblos 57 (1981), 73–96 (contém mapas).
- Mateus, Maria Helena/Andrade, Ernesto, *The phonology of Portuguese*, Oxford, Oxford University Press, 2000.
- Pinto, Adelina A., *A africada «ç» em português. Estudo sincrónico e diacrónico*, Boletim de Filologia 26 (1981), 139–192.
- Prista, Luís, *Tentativa de cenário para «tš» > «š»*, in: *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade. Actas do Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística (Miranda do Douro, Setembro de 1993)*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, 1994, 183–226.
- Saramago, João, *O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*, *Estudis Romànics* 28 (2006), 281–298.
- Segura (da Cruz), (M^a) Luísa, *A fronteira dialectal do Barlavento do Algarve*, Dissertação de doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1987.
- Segura, Luísa, *Variedades dialectais do português europeu*, in: Raposo, E. Paiva, et al. (edd.), *Gramática do português*, vol. 1, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, 85–142.
- Teysier, Paul, *História da língua portuguesa*, Tradução portuguesa de Celso Cunha, Lisboa, Sá da Costa, ⁸2001 (versão original: Paris, Presses Universitaires de France, 1980).
- Vasconcelos, José Leite de, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, ²1970 (Paris, Aillaud, 1901).

Anexo

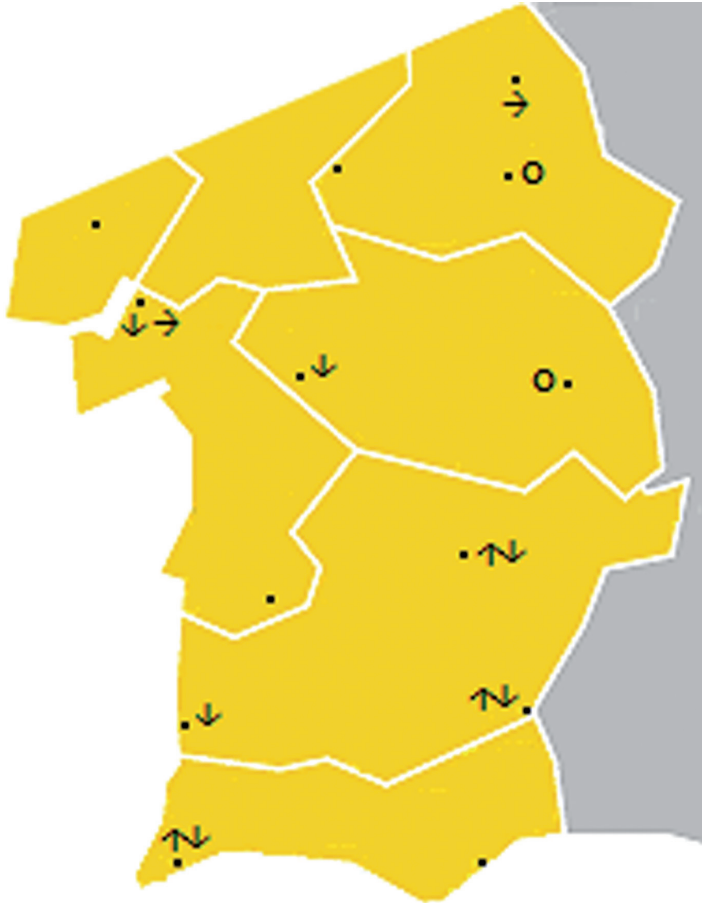
I. Mapas



Mapa 1: Classificação dos dialectos galego-portugueses (Cintra 1983b).

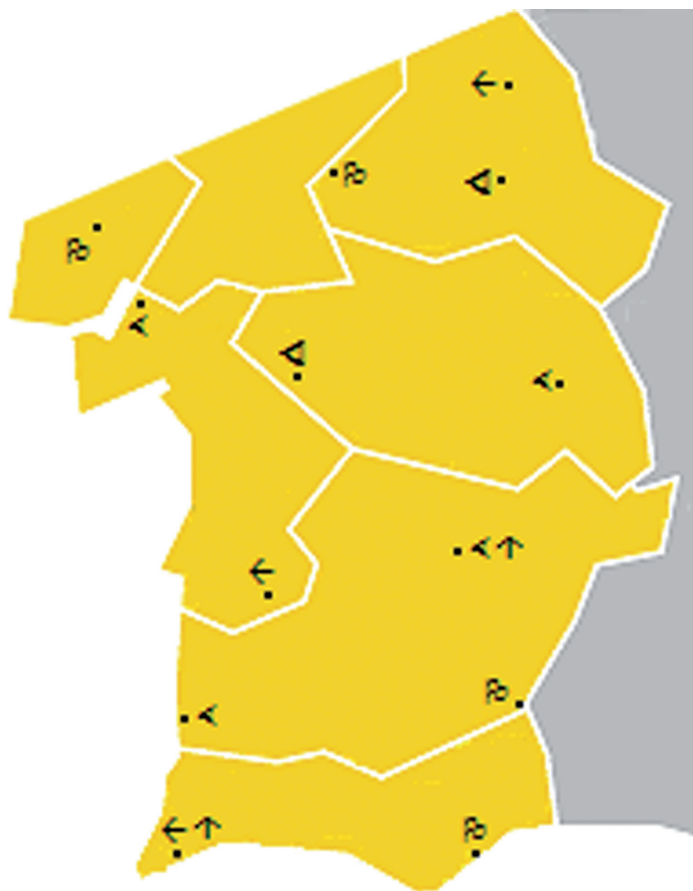


Mapa 2: Pontos de inquérito utilizados em Brissos (2014) e no presente estudo. Legenda: **Alp** = (inquérito de) Alpalhão. **FA** = Foros do Arrão. **CV** = Cabeço de Vide. **Fr** = Freixial. **Alc** = Alcochete. **FCN** = Foros da Casa Nova. **BI** = Baldios. **Cr** = Carrapatelo. **Qt** = Quintos. **Ms** = Mesquita. **ZM** = Zambujeira do Mar. **PS** = Praia da Salema. **SL** = Santa Luzia.



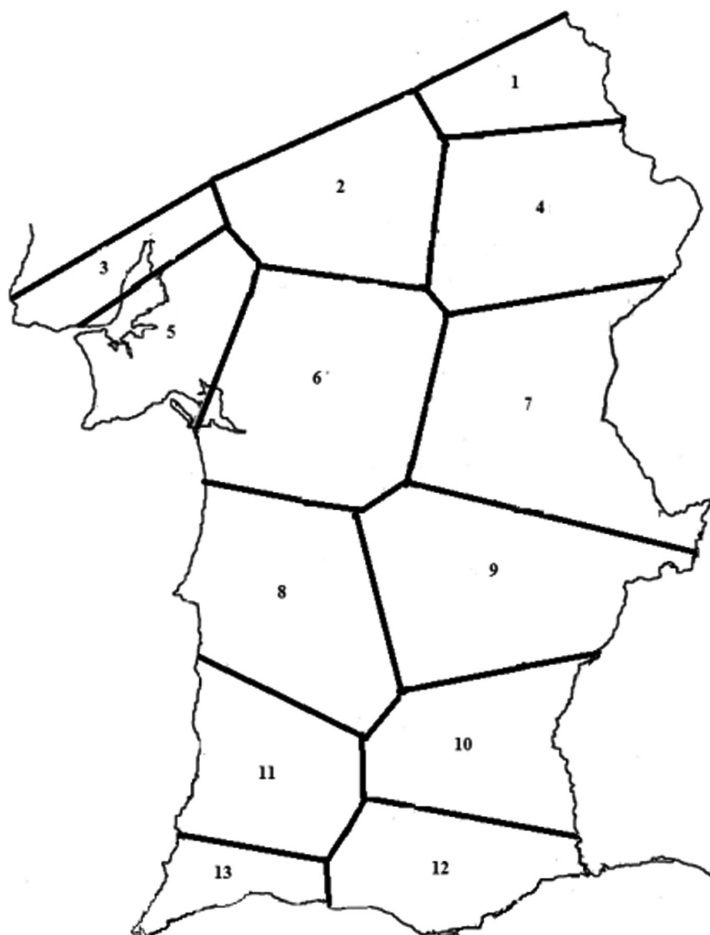
Mapa 3: Fenómenos respeitantes à qualidade vocálica de /e/ e /ɛ/ do português padrão (Brissos 2014).

Legenda: ↑↓ = sistemas vocálicos com (i) destacada abertura / fechamento de /e ɛ/ do português padrão e (ii) a vogal /æ/. (Um e outro fenômenos ocorrem sempre na mesma contextualização, que é a descrita pela literatura para o Barlavento do Algarve, Segura 1987; etc., de onde o traço é, de acordo com a literatura, característico). — ↓ = sistemas vocálicos com destacada abertura / fechamento de /ɛ/ do padrão (sempre de acordo com a contextualização do Barlavento algarvio) mas sem a vogal /æ/. (A mesma abertura / fechamento de /ɛ/ que pode ser encontrada em Praia da Salema, Mesquita, Quintos, Zambujeira do Mar, Baldios e Alcochete ocorre igualmente em todos os restantes pontos de inquérito, mas aí sem resultar num timbre vocálico específico: cf. Brissos 2014, §3.3.⁹). — → = *Velarização* de /e/ que não resulta da monotongação do antigo ditongo [ej] (traço característico do Centro-Interior). — ○ = Arredondamento das duas vogais anteriores não altas: /e ɛ/ (traço relacionado com a velarização de e: cf. Brissos 2014, §3.4.⁹).

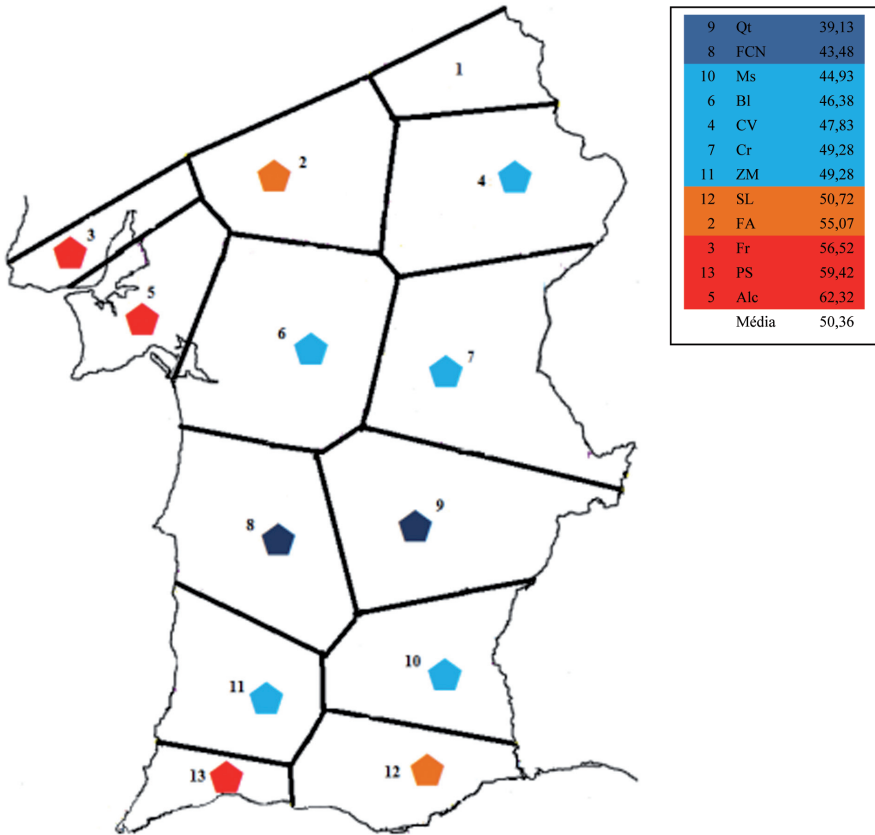


Mapa 4: Fenómenos respeitantes à qualidade vocálica de /ɔ/ e /u/ do português padrão (adaptação de Brissos 2014).

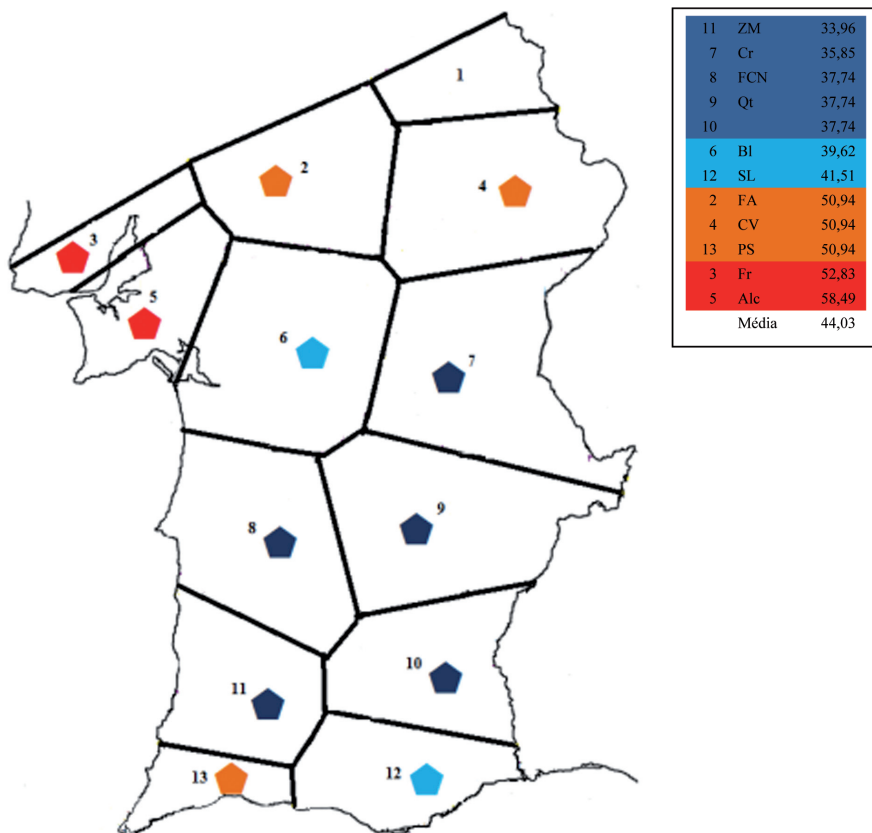
Legenda: ↑ = existência de /ɔ/ (traço característico do Sudoeste). ← = existência de /u/ (i.e. não existência de /u/; traço característico do Sudoeste e do Centro-Interior). — u̇ = /u/ é a vogal mais recuada do sistema. — ȯ = /o/ é menos recuado do que as outras duas vogais posteriores (/o/ e /ɔ/ ou /ɔ̃/). — ȯ↑ = /u/ é menos recuado do que /o/, mas mais recuado do que /ɔ/ (i.e. a outra vogal posterior). (Nota-se assim que, ao contrário do que tem sido descrito para o português padrão — cf. Delgado-Martins 2002; Escudero et al. 2009 —, o *u* tónico dialectal do Centro-Sul português tende a não ser a vogal mais recuada do sistema; destaca-se mesmo, na maioria dos pontos de inquérito, pelo seu grau de avanço articulatório. A «palatalização» — i.e. o avanço articulatório de *u*, em vários graus entre [u] e [y] — é o traço principal das variedades da Beira Baixa e Alto Alentejo e do Barlavento Algavio, pois é o traço que Cintra e seguidores utilizam para delimitar geograficamente ambas as variedades; mas os dados de Brissos 2014 mostram que existe uma tendência geral do Centro-Sul português dialectal para o avanço dessa vogal).



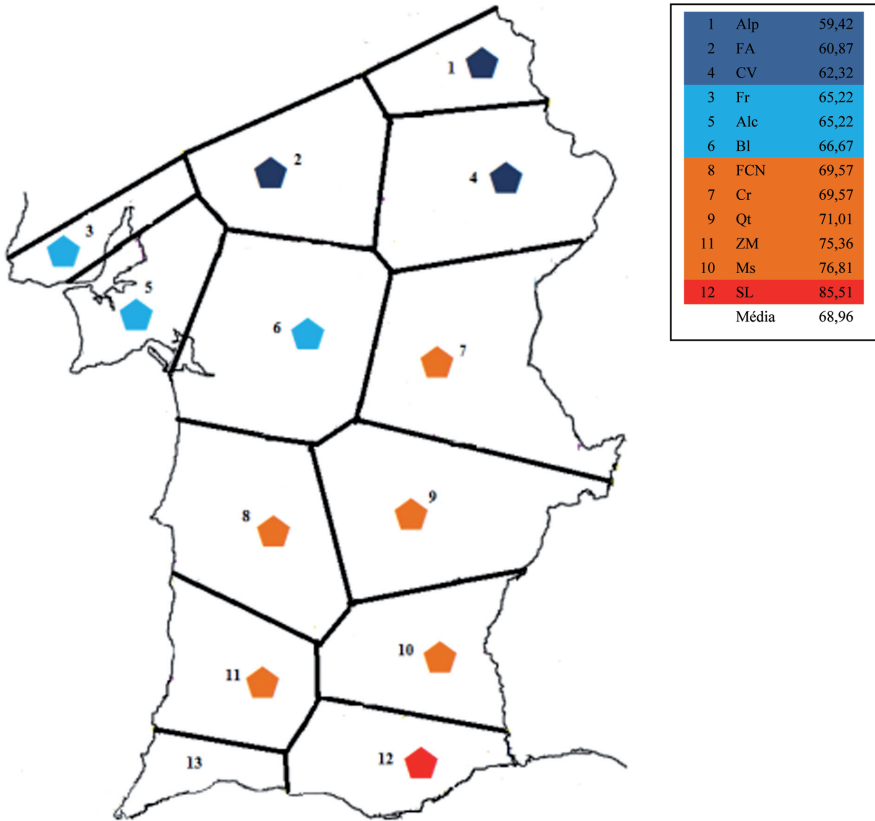
Mapa 5: Mosaico poligonal dos treze pontos da rede de inquéritos utilizada.
Legenda: 1 = Alpalhão (Alp). 2 = Foros do Arrão (FA). 3 = Freixial (Fr). 4 = Cabeço de Vide (CV). 5 = Alcochete (Alc). 6 = Baldios (Bl). 7 = Carrapatelo (Cr). 8 = Foros da Casa Nova (FCN). 9 = Quintos (Qt). 10 = Mesquita (Ms). 11 = Zambujeira do Mar (ZM). 12 = Santa Luzia (SL). 13 = Praia da Salema (PS).



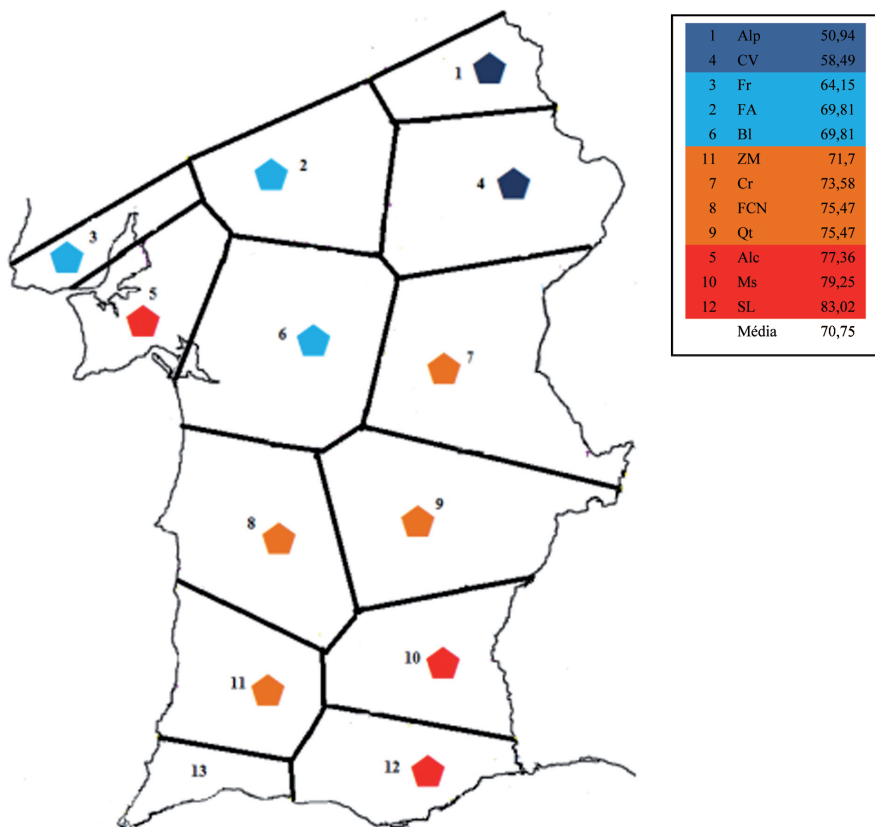
Mapa 6-1: Valores em função comunicativa entre Alpalhão e os outros pontos (grau 0 vs. graus 1 e 2, valores percentuais)



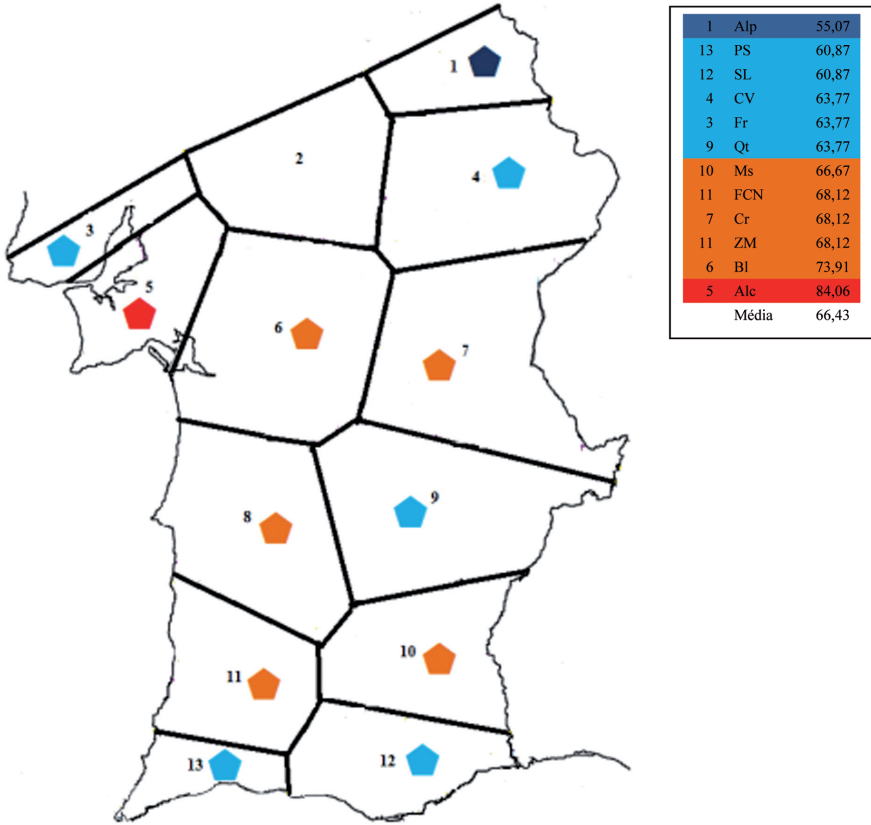
Mapa 6-2: Valores em função comunicativa entre Alpalhão e os outros pontos (graus 0 e 1 vs. grau 2, valores percentuais).



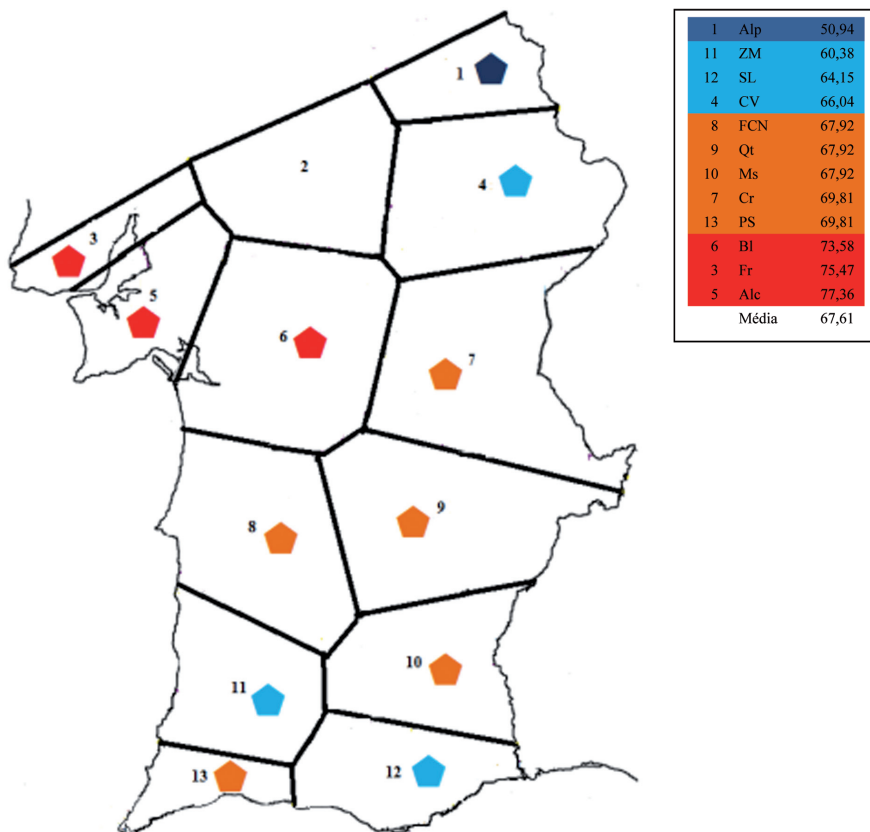
Mapa 7-1: Valores em função comunicativa entre Praia da Salema e os outros pontos (grau 0 vs. graus 1 e 2, valores percentuais).



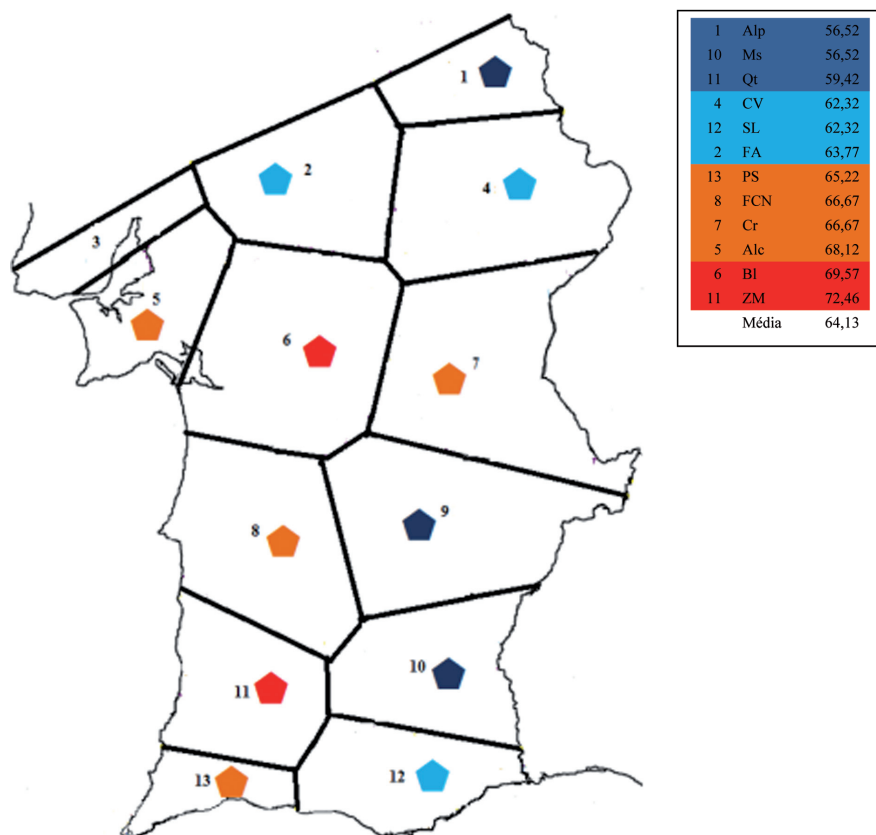
Mapa 7-2: Valores em função comunicativa entre Praia da Salema e os outros pontos (graus 0 e 1 vs. grau 2, valores percentuais).



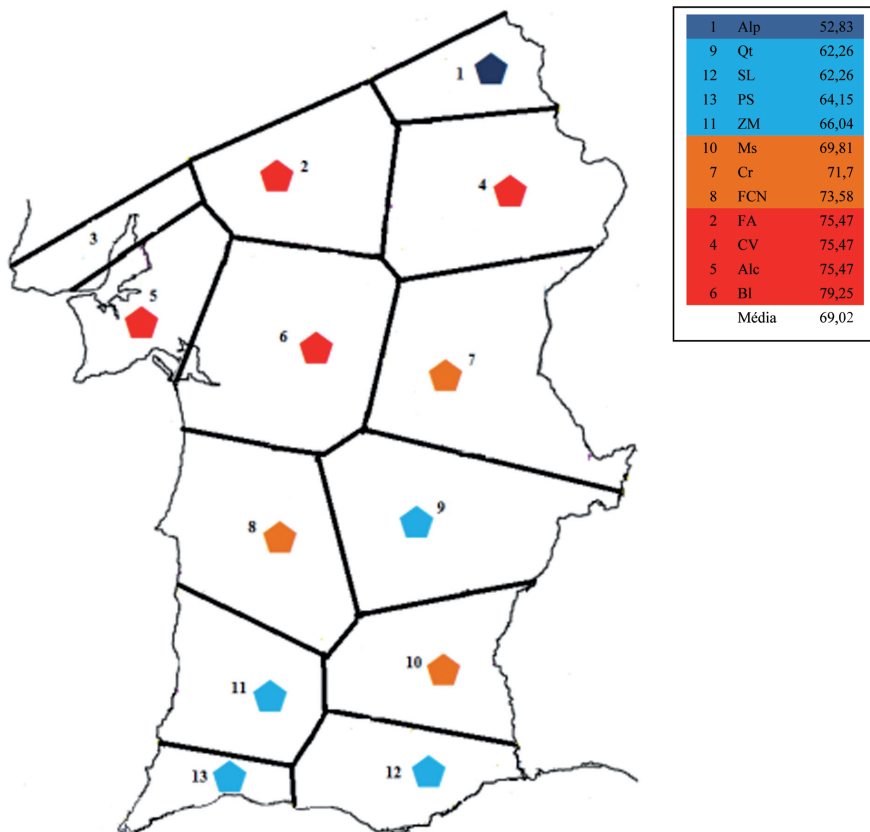
Mapa 8-1: Valores em função comunicativa entre Foros do Arrão e os outros pontos (grau 0 vs. graus 1 e 2, valores percentuais).



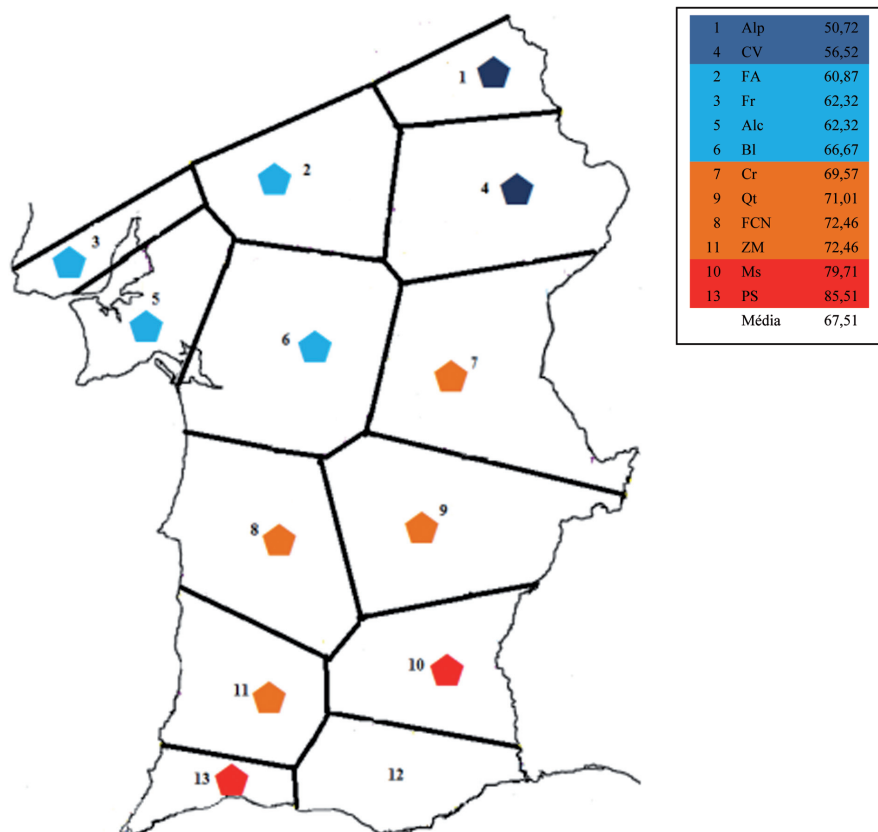
Mapa 8-2: Valores em função comunicativa entre Foros do Arrão e os outros pontos (graus 0 e 1 vs. grau 2, valores percentuais).



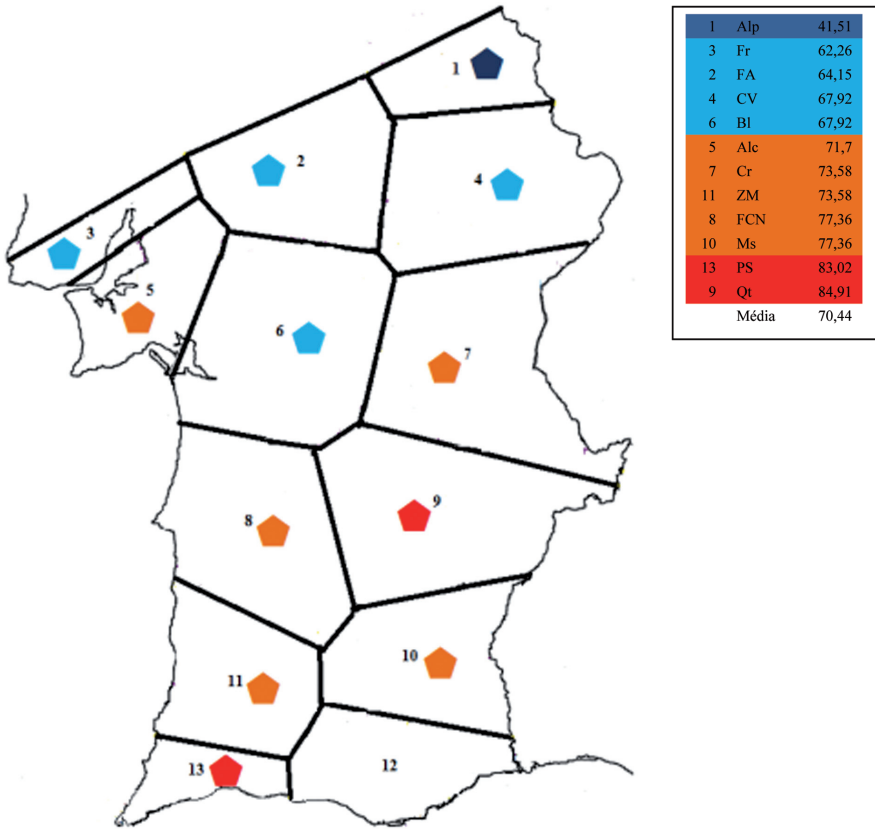
Mapa 9-1: Valores em função comunicativa entre Freixial e os outros pontos (grau 0 vs. graus 1 e 2, valores percentuais).



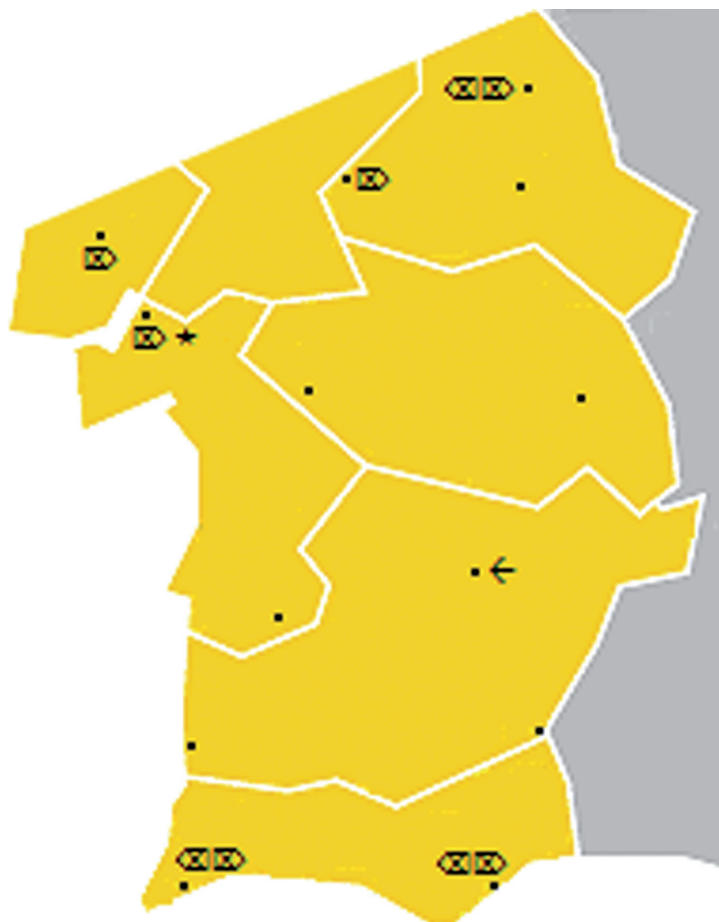
Mapa 9-2: Valores em função comunicativa entre Freixial e os outros pontos (graus 0 e 1 vs. grau 2, valores percentuais).



Mapa 10-1: Valores em função comunicativa entre Santa Luzia e os outros pontos (grau 0 vs. graus 1 e 2, valores percentuais).



Mapa 10-2: Valores em função comunicativa entre Santa Luzia e os outros pontos (graus 0 e 1 vs. grau 2, valores percentuais).



Mapa 11: Fenómenos sujeitos a análise qualitativa (2.3.2).

Legenda: ← = Palatalização de *a* tónico, classe 1. ☒ = Apócope ou passagem a schwa de [u] átono final. ☒ = Apócope de [i] átono final. ★ = Formas reforçadas de demonstrativos.

II. Tabelas

Tabela 1: Concordâncias entre pontos de inquérito (grau 0 vs. graus 1 e 2)

Alpalhão	Foros do Arrão	Cabeço de Vide	Freixial	Alcochete	Foros da Casa Nova	Baldios	Carrapatelo	Quintos	Mesquita	Zambujeira do Mar	Praia da Salema	Santa Luzia
Foros do Arrão	38 = 55,07% ¹⁵											
Cabeço de Vide	33 = 47,83%											
Freixial	39 = 56,52%	43 = 62,32%										
Alcochete	43 = 62,32%	45 = 65,22%	47 = 68,12%									
Foros da Casa Nova	30 = 43,48%	44 = 63,77%	46 = 66,67%	48 = 69,57%								
Baldios	32 = 46,38%	50 = 72,46%	48 = 69,57%	52 = 75,36%	59 = 85,51%							
Carrapatelo	34 = 49,28%	48 = 69,57%	46 = 66,67%	50 = 72,46%	61 = 88,41%							
Quintos	27 = 39,13%	44 = 63,77%	41 = 59,42%	45 = 65,22%	56 = 81,16%	54 = 78,26%						
Mesquita	31 = 44,93%	47 = 68,12%	39 = 56,52%	49 = 71,01%	58 = 84,06%	54 = 78,26%	59 = 85,51%					
Zambujeira do Mar	34 = 49,28%	46 = 66,67%	50 = 72,46%	50 = 71,01%	61 = 88,41%	57 = 82,61%	60 = 86,96%					
Praia da Salema	41 = 59,42%	43 = 62,32%	45 = 65,22%	45 = 65,22%	48 = 69,57%	46 = 66,67%	49 = 71,01%	53 = 76,81%				
Santa Luzia	50,72%	39 = 56,52%	43 = 62,32%	43 = 62,32%	50 = 72,46%	46 = 66,67%	49 = 71,01%	55 = 85,51%				
MÉDIA	34,75 = 50,36%	44,08 = 63,89%	44,25 = 64,13%	47,92 = 73,43%	50,67 = 73,43%	50,83 = 73,67%	51,33 = 74,4%	48,75 = 70,65%	50,42 = 73,07%	47,58 = 68,96%	46,58 = 67,51%	52,33 = 75,85%
Desvio-padrão	4,71	5,04	4,5	3,44	4,29	7,63	8,17	9,11	8,53	5,16	6,71	8,11

15 Ou seja, Foros do Arrão tem, com Alpalhão, 38 fenómenos com existência ou não-existência simultâneas, que representam 55,07% do total de 69 fenómenos do *corpus*; os restantes 31 fenómenos (69-38 = 31) verificam-se numa localidade e noutra não.

Tabela 2: Concordâncias entre pontos de inquérito (graus 0 e 1 vs. grau 2)

Alpalhão	Foros do Arrão	Cabeço de Vide	Freixial	Alcochete	Foros da Casa Nova	Baldios	Carra-patelo	Quintos	Mesquita	Zambujeira do Mar	Praia da Salema	Santa Luzia
Foros do Arrão	27 = 50,94% ¹⁶	35 = 66,04%	40 = 75,47%	41 = 77,36%	62,26%	34 = 64,15%	37 = 73,58%	39 = 79,25%	42 = 86,79%	46 = 90,57%	47 = 88,68%	48 = 90,57%
Cabeço de Vide	27 = 50,94%	40 = 75,47%	40 = 75,47%	33 = 62,26%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Freixial	28 = 52,83%	40 = 75,47%	40 = 75,47%	41 = 77,36%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Alcochete	31 = 58,49%	40 = 75,47%	40 = 75,47%	41 = 77,36%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Foros da Casa Nova	20 = 37,74%	36 = 67,92%	36 = 67,92%	37 = 73,58%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Baldios	21 = 39,62%	37 = 73,58%	37 = 73,58%	37 = 73,58%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Carrapatelo	19 = 35,85%	37 = 73,58%	37 = 73,58%	37 = 73,58%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Quintos	20 = 37,74%	36 = 67,92%	36 = 67,92%	37 = 73,58%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Mesquita	20 = 37,74%	36 = 67,92%	36 = 67,92%	37 = 73,58%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Zambujeira do Mar	18 = 33,96%	32 = 60,38%	32 = 60,38%	32 = 60,38%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Praia da Salema	27 = 50,94%	31 = 58,49%	31 = 58,49%	31 = 58,49%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Santa Luzia	22 = 41,51%	34 = 64,15%	34 = 64,15%	34 = 64,15%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
MÉDIA	23,33 = 44,03%	35,83 = 67,61%	35,83 = 67,61%	35,83 = 67,61%	34 = 64,15%	39 = 73,58%	42 = 86,79%	41 = 77,36%	40 = 75,47%	44 = 83,02%	45 = 84,91%	44 = 83,02%
Desvio-padrão	4,36	3,74	3,33	4,06	3,33	3,33	7,93	6,65	7,63	7,01	7,91	8,25

16 Ou seja, Foros do Arrão tem, com Alpalhão, 27 fenómenos com existência ou não-existência simultâneas em grau 2, que representam 50,94% do total de 53 fenómenos do *corpus* de fenómenos existentes em grau 2 em pelo menos um ponto de inquérito da região considerada; os restantes 26 fenómenos ($53 - 27 = 26$) verificam-se em grau 2 numa localidade e noutra não (podendo verificar-se em grau 1 ou não se verificar de todo, i.e. obter grau 0).